



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

Inventário de Junho

Cartas sem Moral Nenhuma

Agosto Azul

Sabina Freire



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

Inventário de Junho

Cartas sem Moral Nenhuma

Agosto Azul

Sabina Freire



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

Inventário de Junho

Cartas sem Moral Nenhuma

Agosto Azul

Sabina Freire

Volume I

Coordenação

José Alberto Quaresma

Nuno Júdice

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S.A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
prelo.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

Reservados todos os direitos,
de acordo com a legislação em vigor.
© José Alberto Quaresma e Nuno Júdice
© 2020, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.



Conceção gráfica
Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Revisão
Madalena Alfaia
Paginação
Leonel Duarte
Fontes tipográficas
Títulos Tribute | Frank Heine | 2003 © Emigre
Texto Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts



1.ª edição: julho de 2020
ISBN: 978-972-27-2819-5
Depósito legal: 465 292/19
Edição n.º 1023815



Imagem da contracapa: Manuel Teixeira-Gomes (c. 1910), fotografia,
Officinas Photographicas, Lisboa. BNP Esp. N46/cx. 40

PREFÁCIO

I

18 de outubro de 1950. 13 horas e dez minutos. Manuel Teixeira-Gomes é apeado no cais de Portimão. Chegou na lancha *Fomalhaut*, desembarcado do *Dão*, o cruzador da Armada Portuguesa fundeado frente à Praia da Rocha. Não imaginou a derradeira viagem, a partir de Bougie (Bejaia), Argélia. Aqui, no modesto quarto 13 do Hôtel de l'Étoile, secou os últimos dez anos de vida. O silêncio vencera-o, naquele dia, nove anos antes.

Em Portimão, teve funeral de Estado. Aguardavam-no Trigo de Negreiros, ministro de Salazar, o presidente da Câmara, as autoridades civis e militares, a família próxima e uma multidão densa, nunca vista. Alves Redol, Mário de Azevedo Gomes, Salgado Senha, Tito de Morais, Virgínia de Moura, José Dias Coelho, Margarida Tengarrinha, e tantos outros. Gente anônima que desabelhou das suas casas ou, de longe, veio prestar-lhe a última homenagem. Uma enorme e inesperada manifestação contra o regime, seguida de repressão bruta e detenções arbitrárias. O costume.

Havia um quarto de século que se demitira da presidência da República, a meio do mandato, a 12 de dezembro de 1925. Cinco dias depois, embarca no cargueiro *Zeus*, o primeiro barco a rumar de Lisboa para o Mediterrâneo. Passa ao largo da sua terra. Ninguém notou.

Na sua mala de porão, a *Neverbreak*, leva o indispensável. No país, deixa o escusado, que era quase tudo. Prédios rústicos e urbanos, milhares

de livros, coleções de arte, objetos pessoais, fortuna notada. E, também, Ana Rosa e Maria Manuela, as filhas. Só não largou a mãe, Belmira, porque já o havia feito, quando se instalou em Londres, como ministro plenipotenciário da República.

Nascera em berço aconchegado. Rua dos Quartéis, n.º 1. Casa vasta com jardins a debruçar o rio Arade. Fizera as primeiras letras na melhor escola particular da vila, o Colégio de São Luís de Gonzaga. Aos 10 anos, a separação dolorosa da família para entrar no seminário dos Olivais, em Coimbra. É um dos «filhos da melhor gente do Reino» que o frequenta. Parceiro de carteira de José Relvas. Firma aqui o credo republicano. Nunca o abandonará.

Preparatórios do seminário concluídos, segue para Medicina, na Universidade de Coimbra. Tem 15 anos e empenho frouxo. Falta às aulas. Passeia-se pelo Mondego. Convive com os maiores intelectuais da Lusa Atenas. Salta para Lisboa e, depois, Porto, onde se matricula nas respectivas Escolas Médico-Cirúrgicas. Nunca será o médico que o pai quer na família. O tempo que lhe sobra do estudo que adia é substituído por leituras densas em todas as áreas do conhecimento e por convívios férteis com colegas e amigos, figuras gradas da arte e da cultura, da segunda metade do século XIX. Guerra Junqueiro, Fialho de Almeida, Fortunato da Fonseca, Joaquim de Araújo, Domingos Ciríaco Cardoso, Sampaio Bruno, Basílio Teles, Marques de Oliveira, Soares dos Reis são alguns dos muitos que o envolvem.

Quando se estreia na escrita literária, aos 21 anos, na *Folha Nova* — periódico do Porto que tinha como colaboradores Eça de Queirós, Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão, Gomes Leal —, indicia logo que será um deles. Debandara o putativo médico, chegara o escritor. Sem pressa. Só tarde, com um pé nos 40, publicará *Inventário de Junho*, o seu primeiro livro.

Coimbra, Lisboa e Porto dão-lhe infinita riqueza espiritual. Mas são sorvedouros de dinheiro largo. O pai chama-o à razão. Corta-lhe a mesada. Força-o a regressar a casa. E transfigura-o, de imediato, no caixeiro-viajante de que necessita para expandir o negócio internacional dos figos secos.

Culto, loquaz, informado, meticoloso, Teixeira-Gomes, com 25 anos, começa a fazer as campanhas do figo no Algarve. E logo zarpa para o Norte da Europa para os vender. Tem escritório em Antuérpia. Arrecada

receitas volumosas. Bem ap provisionado, deambula longos meses pela Europa, pelo Mediterrâneo das múltiplas margens e pelo Médio Oriente. Busca conhecimento e extasias plurais. Frequenta teatros, salas de concertos, catedrais, palácios, exposições, restaurantes, botequins, prostíbulos. É dos viajantes mais incendidos e cultos deste tempo.

Quando se aproxima dos 40 anos, arre pia caminho. Estaca na terra. Quer apenas cuidar do negócio familiar, dirigir o amanho das muitas propriedades, amodorrar no seu escritório. E entregar-se à escrita e edição dos primeiros livros. O pasmo da vila, a quietude do rio Arade, as enleantes paisagens de mar e campo atiçam-lhe a criação literária. Tudo parece bastar-lhe.

Só que nunca é tarde para um homem se desassossegar. O alvoroço da queda da Monarquia troca-lhe as voltas. Por ela, tanto esperara. E, aos 50 anos, a falar seis línguas, é convidado para representar a República, em Londres. Não tem experiência. Mas a vida cosmopolita de que abusara e o conhecimento pessoal de muitos diplomatas constituem cabedal precioso. Não enjeita o desafio.

Não vai passear, apenas, intuição política, inteligência, elegância, cultura. Espera-o trabalho árduo. Tem de travar a conspiração permanente da Corte portuguesa ali refugiada e obter o reconhecimento internacional da República. Desenvolve um esforço gigantesco, com fraco apoio de Lisboa, para dar resposta às complexas questões diplomáticas. Negoceia, cheio de dúvidas, a entrada de Portugal na Grande Guerra. Debruça-se sobre milhares de dossiês e esgota-se em diligências sem fim. Chega a trabalhar 18 horas por dia.

Portugal consegue ficar do lado dos vencedores. Mas em tudo o mais parece um derrotado. Teixeira-Gomes anteviu o enorme desastre militar e humano. Do mal, o menos. Seguraram-se as colónias em África, cobiçadas por aliados e inimigos.

Entre notícias do horror e bombardeamentos sobre a capital do império, vive intensamente. Frequenta o melhor da sociedade londrina. Até no Palácio de Buckingham os seus passos ecoam. E o corpo freme, em clubes seletos, festas privadas, concertos *promenade*, jantares opíparos pela mão do amigo Auguste Escoffier, nos hotéis Carlton e Ritz.

Findo o conflito, dirige a delegação portuguesa aos múltiplos fóruns internacionais do pós-guerra, decisivos para o futuro de Portugal e do mundo. É eleito vice-presidente da Assembleia-Geral da Sociedade das Nações.

Prestígio adquirido, sensibilidade política e conhecimento profundo dos grandes dossiês nacionais e internacionais motivaram sucessivos convites para primeiro-ministro e presidente da República. Enjeita-os todos. Aceita apenas um. Com muitas reticências.

Em Agosto de 1923, é eleito presidente da República, pelas duas câmaras do Congresso. Contrariado, tem de abandonar Londres, onde está mais do que enraizado. Desembarca em Lisboa. Toma posse. Sorriso descrito.

A vida no Palácio de Belém não será fácil para o sétimo presidente da República. Cedo constata a deriva anárquica do país, revoltas militares, greves, atentados bombistas. Bagunça solta, a franquear o caminho para a ditadura. Antevê-a. Conhece bem o exemplo da Espanha de Primo de Rivera, e da Itália de Benito Mussolini.

O democrata de sempre não hesita. Sabe que tem as mão atadas. Com metade do mandato por cumprir, bate com a porta. Cinco meses depois, a 28 de maio de 1926, Gomes da Costa toma o poder. Não tardará Salazar e o Estado Novo. Congeladas a democracia e as liberdades.

Solto da «gaiola dourada» — no longo hiato de década e meia em funções oficiais —, retoma as viagens da juventude. Deambula, de novo, pelo Mediterrâneo. Regressa à escrita literária. Segue à distância o país. Escreve copiosamente.

Muitas e boas razões teve este homem livre para só regressar, sem o saber nem o querer, nove anos após a morte. A pátria acomodava-se a um Estado policial. Tolhia-se no medo, na censura, na repressão. Dela, nada esperava. Da família, muito pouco. Da sua terra, ainda menos: «A vida, aí, anda numa grande mistura de elementos maus, e a inveja tem mais por onde roer, pois esquadrinha por todos os lados e nada lhe escapa. Ela vai até abranger indistintamente pobres e ricos, desgraçados e felizes.»

Nesta carta, ainda inédita, expedida da Tunísia para Francisco Corte-Real, o médico da família, em dezembro de 1929, quatro anos depois de ter deixado para sempre o país, confessava-se sereno e apaziguado: «Grande e constante quietação de espírito; trabalho livre da imaginação ao sabor da fantasia; faculdade de atenção, que me permite ler — embora muito lentamente — quatro horas por dia e escrever outras tantas. E aqui está o quadro da minha saúde, que não parece conter tintas negras.»

Assim seguiu. Livre e determinado. Até ao último suspiro. Madrugada de sábado. 5 horas e 10 minutos. 18 de outubro de 1941.

Oitenta e um anos vividos como bem quis este boémio fogoso, negociante arguto, colecionador esclarecido, melômano informado, viajante sôfrego, diplomata presciente, presidente da República dedicado, mas impotente. E, acima de tudo, um dos grandes escritores do século xx.

José Alberto Quaresma

II

Neste volume, o primeiro de uma série que irá reunir a obra édita de Teixeira-Gomes, reúnem-se os seus primeiros livros, publicados entre 1899 e 1905: *Inventário de Junho* (1.^a ed. 1899), *Cartas sem Moral Nenhuma* (1.^a ed. 1903), *Agosto Azul* (1.^a ed. 1904) e *Sabina Freire* (1.^a ed. 1905). A publicação segue as normas da edição já feita na Imprensa Nacional por Urbano Tavares Rodrigues, excluindo as notas da autoria de Urbano, Helena Carvalhão Buescu e Vítor Wladimiro Ferreira, que podem ser consultadas nos volumes então publicados, em que foi seguida a última edição revista por Teixeira-Gomes com as alterações por ele feitas, de que a mais significativa é o acrescento de recordações de João de Deus que completam *Inventário de Junho*, «Desenhos e Anedotas de João de Deus», por ele publicadas em 1907. Foram ainda corrigidas pequenas e mínimas imperfeições entretanto notadas, além de uma ou outra gralha.

Podemos desde já notar que, em cerca de cinco anos, nessa transição do século xix para o xx, Teixeira-Gomes dá à estampa livros em que logo se manifesta um estilo e um tom inteiramente únicos na nossa literatura. Talvez *A Correspondência de Fradique Mendes* ou *A Cidade e as Serras* de Eça de Queirós, publicados respetivamente em 1900 e 1901, se possam considerar um equivalente quer no cosmopolitismo quer na marca que neles se imprime do decadentismo da época, sob a influência de um J.-K. Huysmans ou de um Villiers de L'Isle-Adam, entre outros. Embora Teixeira-Gomes não tivesse ainda entrado na diplomacia, o que só irá suceder depois da proclamação da República, em 1910, que o levará de resto a pôr de lado a publicação de novas obras durante décadas, até ao início do seu exílio autoimposto na Argélia, em fim de 1925, na sequência da sua decisão de se demitir da presidência da República, é nele visível o

mesmo cosmopolitismo e a mesma cultura em tudo o que se faz nos mais variados planos da vida artística, incluindo música, teatro, artes plásticas, arquitetura e, como é evidente, literatura.

O que mais impressiona, porém, é vermos como ele consegue agregar todos estes aspetos da cultura da época com uma obra absolutamente original, conciliando memorialismo e ficção, embora nestes primeiros livros seja a primeira característica a dominante; mas podendo notar-se, desde logo, como essas memórias de personagens, homens ou mulheres da sua adolescência e princípio de vida, são dadas em quadros em que, por muito reais que essas figuras tenham sido, tudo nos é apresentado em passagens narrativas que permitem passar desse fundo autobiográfico a pequenos episódios romanescos. E talvez seja isto que nos permite ver, com olhos de leitor de uma realidade em que o imaginário se sobrepõe à verdade daquela época, descrições de episódios que colidem totalmente com os valores atuais. É surpreendente, de resto, vermos a coragem e o confessionalismo sem limites de um escritor que, desde os seus primeiros livros, se coloca contra esses valores morais que já então, em muitos aspetos, seriam objeto de censura, por muito tolerada que fosse a sua prática.

E podemos colocá-lo a par de um André Gide, de um Pierre Louÿs, de um Pierre Loti, de um Oscar Wilde na forma como cultivava um esteticismo levado às últimas consequências, um cosmopolitismo do viajante que junta comércio e cultura nas suas deslocações, visitando o que de melhor há na civilização da época, e no modo como dá corpo à sociedade do Algarve nas suas múltiplas camadas sociais, sem esconder nenhum aspeto da vida do seu tempo, e sem nunca cair no regionalismo, podendo ser colocado a par de João Lúcio nessa visão algarvia sem cedências ao local. Admita-se que há pontos que hoje podem levantar polémica de acordo com os critérios morais da nossa época, nomeadamente em relação a descrições em que entram jovens de menor idade; mas teríamos de entrar num capítulo censório que levaria por caminhos perigosos, e o próprio Teixeira-Gomes, no «Posfácio ou Carta aos Leitores sobre Coisas Mínimas», que termina as *Cartas sem Moral Nenhuma*, alerta para as consequências a que o puritanismo, na arte como na literatura, pode conduzir.

Um sinal de rutura com os hábitos literários da época encontra-se na intersecção de géneros na sua escrita: há momentos narrativos, momentos autobiográficos, passagens que poderiam fazer parte de um diário, crítica de arte, apreciações literárias, relatos de viagem: a diversidade não nos

afasta nunca de uma lógica que nunca se perde, passando de um tópico a outro de forma natural, refletindo a imensa cultura de quem se mostra identificado com as mais modernas, na sua época, correntes estéticas. É preciso notar que, nesse fim de século XIX e princípio de século XX, nada de análogo se encontra, não só em Portugal, talvez com a exceção de Raul Brandão, mas também noutros países europeus, o que nos permite um acréscimo de surpresa e de admiração por quem, só anos mais tarde, terá num António Patrício um equivalente, ainda que a obra deste seja mais reduzida no campo da ficção.

Um outro ponto que merece destaque é o interesse que muitos capítulos ao longo destes livros apresentam para conhecermos a sociedade europeia desse período. Um início de vida adulta que o conduziu, entre homem de negócios e turista, a países quer do Mediterrâneo quer da Europa do Norte, com destaque para Itália, Turquia, Espanha, Holanda, Inglaterra, França (Paris, claro), ilha da Madeira, reflete-se em diversas situações narradas com uma finura senhorial que lhe permite fazer retratos notáveis quer de espaços monumentais, de cidades, de paisagens, como de figuras femininas ou masculinas, destacando-se o seu olhar sobre os corpos que o fascinam, independentemente do género, apenas pela beleza e pela elegância.

Um outro género em que Teixeira-Gomes se distingue é a epístola. Dirigindo-se a amigos ou a um destinatário que, no fundo, será o próprio leitor, captando a sua atenção pela forma como o faz participar no seu mundo, como consegue levá-lo a viver através de um olhar atento aos mais ínfimos pormenores, dando-lhes uma significação que, no quotidiano, passaria despercebida, e sobretudo transmitindo o prazer com que ele vai atravessando a vida.

E talvez seja a palavra «vida» a mais eloquente para dar conta do que percorre esta obra. É o gosto de viver que sentimos a cada passo, e para o manter Teixeira-Gomes sacrifica o que for preciso, para que não se perca o seu amor pelas coisas belas e a sua dedicação ao instante, desde que ele lhe permita ganhar uma sensação desse êxtase que tanto pode nascer da contemplação de uma obra de arte como do corpo humano. E é esse epicurismo que o leva a renunciar ao país no momento em que se apercebe de que o Poder, que o levou ao mais alto cargo da nação, constitui afinal um contrapeso ao seu desejo de uma vivência estética. A ida para Bougie foi um exemplo dessa entrega a uma existência em que a liberdade é o único valor em jogo, mais importante para ele do

que o outro lado da balança, que foi a perda das relações próximas com família ou com amigos.

Temos ainda neste volume a revelação de uma peça de teatro que se pode pôr ao lado do que de melhor se encontra tanto em Raul Brandão como em António Patrício, nomeadamente com o livro de contos *Serão Inquieto*, de 1910, para voltar a referir os dois autores que poderíamos equiparar a Teixeira-Gomes. A sua *Sabina Freire* é igualmente um prodígio de invenção e de crítica social, tanto no plano dos diálogos como no das situações. A denúncia da moral burguesa e do patriarcado como instituição assente no meio das famílias burguesas tem um aspeto revolucionário, terminando no chamado *coup de théâtre* que converte a tragédia no que, nas palavras finais, o autor designa como comédia, apesar do desfecho fatal. E a visão da mulher como anjo lascivo é outra das suas provocações que colocam *Sabina Freire* como um dos melhores exemplos desse teatro de situações que, na época, talvez não tenha equivalente em termos de invenção e de jogo com a ambiguidade, para lá do modo como os diálogos fazem viver cada personagem.

E ainda neste ponto Teixeira-Gomes pode colocar-se, com esta sua obra, que foi a única no género dramático, novamente ao lado de dramaturgos como Raul Brandão e António Patrício, que souberam ir buscar a situações históricas ou sociais o argumento para uma renovação da linguagem teatral de que ele é um dos expoentes, apesar de não ter prosseguido essa sua vocação.

Nuno Júdice

SABINA FREIRE

COMÉDIA EM TRÊS ATOS

PERSONAGENS

SABINA FREIRE: 24 anos, alta, ondulosa, braços magros, cinta fina, quadris estreitos, seio farto e inflando na geminada curva dos bem distintos pomos.

JÚLIO FREIRE: 30 anos, delgado, elegante e pálido; cabelos negros anelados; grandes olhos castanhos.

MARIA FREIRE: 60 anos, estatura mediana, tez pergaminhosa, cabelo muito negro alisado em bandós que lhe cobrem metade das orelhas; olhar envidraçado e movimentos automáticos.

DOUTOR FINO: 60 anos, gordo, anafado, prazenteiro; olhos claros e à flor do rosto; marrafa a repartir as falripas grisalhas que mal lhe vestem o alto do vastíssimo crânio; calvície tonsural muito ampla; barrigudo; mãozinhas sapudas e brancas; gestos prelatícios.

AUGUSTO CÉSAR: 65 anos, malfeito, esgrouinhado e corcovado; gaguejando nos lances patéticos; olhos redondos espantados, cabelos e barbas de maçaroca de milho.

EPIFÂNIO: 35 anos; cabeça de figurino barbado do Grandela, coleando como um cisne; tez rosada, passinho curto, movimentos símios.

JOSEZINHO SOARES: 30 anos; cara embezerrada de idiota anódino.

PADRE CORREIA: 55 anos; presumido; bastíssimo cabelo preto eriçado e encanecido nas fontes, às malhas de cal derramada sobre carvões; coroa microscópica; mãos de freira.

MINISTRO: sem idade certa, pois todo o seu talento se exauriu no empenho de a disfarçar; bem-posto, quase elegante; magro, penteado com arte; cabelo e bigode pintados e envernizados a brilhantina.

PROCURADOR FERREIRA: encanecido velho hirsuto com maliciosos e oblíquos olhos chineses.

JOSEFINA: 20 anos; criada de servir; gorda, molenga e espapaçada; ideal de corações votados a amores ancilares.

A ação passa-se no último quartel do século XIX.

PRIMEIRO ATO

Saleta em palácio da província. Mobília de pau-preto, estilo Luís Filipe. Medalhões e grinaldas pintadas na escaiola das paredes. À altura do espelho de um tremó vistosíssimo alinham-se quadros de moldura negra com vistas de monumentos célebres. Portas ao fundo. Duas janelas, à direita, ladeando o tremó em frente ao qual há, do lado esquerdo, um grande sofá entre duas portas.

CENA I

D. MARIA, JOSEFINA e EPIFÂNIO.

D. MARIA (*entrando*) Quem será?...

JOSEFINA (*entre portas*) O Sr. Epifânio. (*Retira-se para dar passagem a EPIFÂNIO.*)

D. MARIA (*sentando-se no canapé*) Ah!...

EPIFÂNIO (*resplandecente, entre portas*) Que gosto ver a V. Ex.^a de todo restabelecida!... (*Adianta-se rapidamente, saudando a própria imagem*)

no espelho do tremó, e aperta efusivamente a mão de D. MARIA.) Ainda bem que tenho a satisfação e a honra de manifestar a V. Ex.^a a minha grandíssima alegria por vê-la de todo boa...

D. MARIA (*interrompendo*) Boa de todo não estou...

EPIFÂNIO (*convicto*) Sim, boa de todo...

D. MARIA (*indicando-lhe uma cadeira*) Queira sentar-se.

EPIFÂNIO (*sentando-se*) ... boa de todo, como ninguém esperou... nem eu esperei... porque são terríveis os pressentimentos e eu tive-os fatais. Apanhei mesmo um dos maiores sustos da minha vida. Imagine... que haverá três semanas... não... sim, vinte dias; é isso: fez sábado quinze dias, estando eu na barraca da feira a assistir à representação dos Magiães, que é uma peça que tem agradado muito — por sinal cantava-se esta ária (*trauteia a ária*) — quando oiço de repente alguém dizer por trás de mim: «Quem morreu foi a D. Maria Freire...» Ora esta, pensei eu logo cá com os meus botões, bem teimava o doutor Fino que a boa senhora não podia escapar... Quis levantar-me *in continenti* mas refleti — que eu cá mesmo nas maiores aflições não perco o sangue-frio — refleti: tenho de incomodar tanta gente para sair agora — porque cá a mim o que me agrada é ficar sempre, no teatro, ao meio das filas — tenho de incomodar tanta gente que o melhor será esperar pelo entreato... V. Ex.^a no meu caso fazia com certeza o mesmo... Esperei com efeito e apenas caiu o pano, sem querer dar palmas nem nada, que até o delegado que estava ao pé de mim se admirou muitíssimo, levanto-me e sem dar atenção a ninguém, dizendo só: adeus, adeus, morreu a D. Maria Freire, vim, correndo, direitinho à casa de V. Ex.^a e já quase chegado, reparo — no que é que eu reparo? — reparo que estava de chapéu branco, este mesmo que trago agora... Não, lá isso não, de chapéu branco é que eu lá não vou e, correndo, dirijo-me para casa a mudar de chapéu... As minhas manas estavam ceando cachucho frito, que é o peixe da minha paixão, e eu digo com os meus botões: já agora também ceio...

D. MARIA Fez muito bem, Sr. Epifânio, fez muito bem...

EPIFÂNIO Engulo duas ou três postinhas e sem dar conversa às minhas manas que o que queriam era saber como V. Ex.^a tinha morrido, se a agonia fora muito comprida, se fizera testamento, se deixara alguma coisa ao hospital... eu sei lá...

D. MARIA São muito boas senhoras, devo-lhes muita amizade...

EPIFÂNIO Pois lá as deixei e correndo, correndo, venho a casa de V. Ex.^a — já com outro chapéu mais próprio, bem entendido — subo a escada a quatro e quatro e estaco... Toco à campainha... E agora é que foram elas!... Senti-me coberto de suores frios... Mas o que vou eu dizer à criada, Senhor meu Deus? Pois eu hei de lhe dar logo assim tamanho choque perguntando se a senhora morreu! E a criada logo ali, como se estivesse por trás da porta à minha espera... Pergunto, resolvido a tudo: está em casa a Sr.^a D. Maria Freire?... «A senhora vai melhorzinha, graças a Deus», responde-me ela que não percebera a minha atrapalhão... Eu respirei...

D. MARIA Quanto lhe estou agradecida, Sr. Epifânio.

EPIFÂNIO Não há de quê, minha senhora, não há de quê... E como passa a nora de V. Ex.^a e o esposo, seu excelentíssimo filho?

D. MARIA Sofrivelmente, graças a Deus... Minha nora conformando-se mal com tudo isto...

EPIFÂNIO Também para quem viveu sempre nessas Parises de França!... Que a nossa terra é saudável como poucas e não lhe faltam divertimentos. Olhe V. Ex.^a que na barraca da feira se cantam os Sinos de Corneville talvez melhor do que em Lisboa...

D. MARIA Pois é verdade... e temos passeios muito lindos... Advertindo que a minha nora nem sempre viveu em capitais... O melhor da sua mocidade passou-a em Mato Grosso onde já um meu afilhado, que conhece o Brasil a palmos, me disse que toda a gente usa tanga... Mas ela é que não se conforma e o pior é meu filho dar-lhe razão... Só lhe apetecia sair quando me via tão mal, como eu estive, tolhida numa cama; agora já não arreda pé de casa e sempre de um mau humor implicativo que não deixa ninguém sossegado...

EPIFÂNIO Tudo isso vai agora mudar com a visita do ministro...

D. MARIA (*sobressaltada*) Ai! por amor do céu não me fale em tal... Essa visita — que eu já sei, de nada servirá — acaba comigo de vez... Estou agoniadíssima... Justamente quando me levanto de uma doença tão grave!... E se desse algum resultado. Mas diga-me cá o Sr. Epifânio, que é pessoa de juízo e tem sabido conservar esse pouco ou muito que herdou de seus pais, que emprego poderão dar a meu filho que valha a posição que ele tem na casa da sua própria mãe, onde, querendo, podia ser tão útil? Essa visita tira-me o resto dos dias de vida... E a despesa... está tudo tão caro! Dificuldades por tudo... não há criados que prestem, é preciso reparar nas mínimas coisas com os nossos próprios olhos e eu já não tenho forças para semelhantes folias... Morro com certeza...

EPIFÂNIO (*entre amável e gracioso*) Como é que a pessoa mais rica da província e uma das mais ricas do reino...

D. MARIA (*com forçado sorriso*) Exageros, Sr. Epifânio, exageros...

EPIFÂNIO ... uma das melhores casas do reino, toda a gente o sabe. Tão pouco se tem discutido isso no Grémio?... Até o Dr. Juiz de Direito, que é alentejano e está sempre a encarecer as fortunas de Évora, diz que não há por lá riqueza igual...

D. MARIA (*lisonjeada*) Exageros...

EPIFÂNIO Só com a uva da quinta do Dilouca recebia V. Ex.^a a família real, como se deve receber a família real que sempre é a gente mais elevada e que mais pode cá no país, quanto mais um simples ministro... Depois, eu tenho a certeza que sua excelentíssima nora tomará de bom grado a seu cargo as honras da casa e a direção de tudo: isso deve distraí-la...

D. MARIA (*azeda*) Só se por esse motivo, por distração... nunca o faria por aliviar a pobre sogra. Mas a verdade é que também a ela lhe tem desagradado a visita; ou finge que lhe desagrada. Espíritos de contradição: todos o mesmo! Pois a quem pode aproveitar a vinda do ministro senão a meu filho e portanto a minha nora! Vá lá entender esta gente estrangeira...

EPIFÂNIO (*entre portas*) O Sr. Augusto César.

CENA II

Os mesmos, AUGUSTO CÉSAR e logo SABINA.

AUGUSTO CÉSAR (*caminhando para o sofá de mãos estendidas*) Ora ainda bem que a vejo boazinha de todo, minha rica senhora, ora ainda bem...

D. MARIA (*apertando-lhe a mão*) Boa de todo, não...

EPIFÂNIO Não, boa de todo não...

AUGUSTO CÉSAR Mas melhor, melhorzinha... (*Aperta a mão de EPIFÂNIO e senta-se.*)

D. MARIA Sim, um pouco melhor.

EPIFÂNIO Um pouco melhor, sim.

D. MARIA (*dolorosa*) Eu é que me sinto. Estou toda estragada por dentro... isto pouco dura...

SABINA (*entrando*) Bons dias, minha mãe, bons dias, meus senhores. (*Senta-se numa cadeira depois de beijar a sogra e apertar a mão às visitas.*)

D. MARIA (*com segura*) Ainda agora?... Julguei que estivesse doente, menina...

SABINA Doente? Eu! Não. Sinto-me perfeitamente. A mãe bem sabe que sou exceção à regra geral. O Júlio é que se queixa de dores na cabeça e queixa-se de veras...

EPIFÂNIO E terá febre?

AUGUSTO CÉSAR Talvez com uns sinapismos...

D. MARIA O que faltava agora era que ele adoecesse.

SABINA Não tenha cuidados que nada será, apesar de o ver há já algum tempo disposto também a habilitar-se ao prémio de distinção da terra onde não há gente fina sã e entre a gente fina quem não é pelo menos tísico pouco vale...

AUGUSTO CÉSAR Isso com toda a certeza não é comigo, que tenho medo às doenças que me pelo...

SABINA V. Ex.^a do que tem medo é das correntes de ar, tal qual Napoleão, mas confesse que alguma vez já terá invejado as carícias de um tifoquinho...

AUGUSTO CÉSAR D. Sabina!... Que se me arrepiam as carnes!...

D. MARIA Menina!...

EPIFÂNIO Olá...

SABINA Ou um cancrozinho na língua...

AUGUSTO CÉSAR (*aterrado*) D. Sabina!...

D. MARIA Jesus, menina!...

EPIFÂNIO Olé...

JOSEFINA (*entre portas*) O Sr. doutor.

CENA III

Os mesmos e o DOUTOR FINO.

AUGUSTO CÉSAR (*aliviando*) Ai, doutor, ainda bem que aparece... cai mesmo como a sopa no mel...

DOUTOR FINO (*jubiloso*) O que é então?... Bons dias, excelentíssimas senhoras, bons dias, meus amigos. (*Vai apertando a mão aos circunstantes e senta-se ao lado de D. MARIA FREIRE, a quem toma o pulso.*) Ora vamos lá ver se continuam os progressos... (*Voltando-se para AUGUSTO CÉSAR:*) De que se tratava então?...

AUGUSTO CÉSAR D. Sabina...

EPIFÂNIO A Sr.^a D. Sabina...

DOUTOR FINO O que dizia a nossa espirituosa parisiense?...

SABINA Sou então o mel onde V. Ex.^a caiu, doutor? Pois o Sr. Augusto César terá de comer a sopa às secas...

AUGUSTO CÉSAR Sopa no mel é uma comparação...

EPIFÂNIO Muito usada...

SABINA Pensava eu... (*Rindo.*) Eu não pensava coisa alguma... pensar é coisa que nunca me acontece...

DOUTOR FINO (*irónico*) Que modéstia!...

SABINA Mas estou bem-disposta, hoje, para palrar... Doutor, olhe que são curiosas as observações a que se prestam médicos e doentes neste país, sugerindo conceitos interessantíssimos... Isto é que é terra para V. Ex.^{as}, os senhores doutores! Implantou-se aqui a jerarquia da doença competindo com a jerarquia social da fortuna e do sangue... E são naturalmente (*com afetada ênfase*) as camadas aristocráticas aquelas que pretendem à posse dos casos mais raros. Pessoas conheço eu para quem seria ofensa citar enfermidade a que a família fosse refratária... Em condições tais o médico tem foros de rei absoluto e faz o que muito bem lhe apetece...

DOUTOR FINO (*com enfado cómico*) Ai!... o que oiço eu, meu Deus... Nem tanto, nem tanto, excelentíssima D. Sabina...

SABINA Não se agaste, doutor, pois, exagero à parte, o mesmo ou quase o mesmo sucede por todo o mundo civilizado. Fora das grandes cidades, onde a política rende mais do que qualquer outra indústria, só há uma posição invejável: médico. E não é de maravilhar a ascendente e rápida importância que tomaram os médicos? Eles ainda não há cem anos sangravam, barbeavam e monopolizavam a aplicação dos clisteres...

EPIFÂNIO (*para* AUGUSTO CÉSAR) Que linguagem tão livre...

D. MARIA (*com as mãos na cabeça*) Jesus, Maria, José!

SABINA Hoje são tudo... açambarcando até a influência dos padres, que facilmente absorveram, e isso, seja dito em abono da verdade, sem prejuízo para ninguém e com vantagem para a moral... O médico é a mola real da sociedade: rege os destinos das famílias, decide da sorte dos delinquentes e domina as consciências. A credulidade humana exercita-se na suposta eficácia da droga multiplicada até ao infinito... Quem é que está um quarto de hora sem pensar no médico? Mas em Portugal a mania acrisolou e nesta admirável terriola é então perfeitamente fantástica... A gente fina parece um tratado vivo de patologia e o ruibarbo, a beladona e os iodetos na plenitude das suas variedades fornecem a trama essencial à conversação, na boa sociedade. E a que situações tão cómicas não leva a mania da doença! Não há muitas semanas a sogra da Viscondessa do Credo contava-me que sofrera a miúdo, em solteira, do mesmo incómodo que a nora tinha então, o qual desfechou num aborto, caso natural sendo a Viscondessa, como é, casada...

DOUTOR FINO Apre, minha senhora, apre, que tesoirinha!

SABINA É de farmácia, pois não é?

DOUTOR FINO Que V. Ex.^a a utilize na Viscondessa do Credo ou nalgum dos membros da sua família, ainda vá: eu tenho do Visconde as mais graves ofensas. Mas o que lhe fizeram os pobres médicos, minha rica senhora?...

SABINA A mim?

D. MARIA (*insidiosa*) E isso quando eles lhe salvaram a sogra, menina!...

SABINA Eles é que salvaram? E eu julgava que fora milagre da Nossa Senhora dos Aflitos!...

DOUTOR FINO (*atenazado, desplicando-se soleníssimo*) O médico, excelentíssimas senhoras e cavalheiros, não arma à gratidão de ninguém no exercício da sua tão austera como espinhosa missão, e os cuidados que eu tive a honra de dispensar a V. Ex.^a, Sr.^a D. Maria, no decurso da sua perigosíssima enfermidade...

D. MARIA Creia, doutor...

DOUTOR FINO ... tiveram suficiente recompensa na satisfação...

D. MARIA ... que lhe estou muitíssimo grata...

DOUTOR FINO ... na satisfação de haver restituído completamente restaurada... à família extremosíssima e à sociedade virtuosa, senhora de tão acabadas virtudes e seu principal ornamento...

SABINA Bravo, doutor!

EPIFÂNIO (*para AUGUSTO CÉSAR*) Que bem que fala...

AUGUSTO CÉSAR Faz gosto ouvi-lo.

D. MARIA (*lamurienta*) Estou-lhe grata do fundo do coração, doutor, e não menos o estou ao médico novo que me assistiu com tanto desvelo, e também conto com a minha Nossa Senhora dos Aflitos para me amparar mais algum tempo neste vale de lágrimas... Que eu bem sinto, minha filha (*voltando-se para Sabina*), que pouco tempo a importunarei ainda...

SABINA Ó minha mãe! Importunar-me a mim? Eu deleito-me contemp-lando-a na delicada restauração a que o nosso bom doutor a sujeitou...

D. MARIA Pouco viverei, menina, adivinha-mo o coração.

DOUTOR FINO (*perentório*) V. Ex.^a há de viver muito...

EPIFÂNIO Muito...

AUGUSTO CÉSAR Muito...

DOUTOR FINO ... muito, não só porque é de constituição notável em fortaleza e resistência, mas por possuir na sua ascendência os mais notáveis macróbios desta província...

D. MARIA (*quase vexada*) Macróbios!?... Se eram macróbios não sei, mas foram todos, meus pais e meus avós, pessoas honradas e muito tementes a Deus...

CENA IV

Os mesmos e PADRE CORREIA.

PADRE CORREIA (*que escutou entre portas as últimas palavras, entrando*) E disse eu sou testemunha insuspeita... (*Aperta a mão a D. MARIA.*)

D. MARIA Ora ainda bem...

PADRE CORREIA (*enquanto vai cumprimentando as outras pessoas*) O passamento de sua excelentíssima mãe, minha senhora, a que assisti cumprindo os deveres do meu sacerdócio, foi a todos os respeitos exemplaríssimo e admirável de resignação cristã... (*Senta-se.*)

D. MARIA A minha santa mãe cinco anos antes de morrer perdera por completo o juízo... Também já passava dos 95 anos...

EPIFÂNIO Casou três vezes e só do último matrimónio é que houve descendência...

AUGUSTO CÉSAR Era senhora muito esmoler.

D. MARIA Nos últimos anos, de transtornada, até... Nosso Senhor lhe perdoe, se tornou perdulária. Valeu-lhe estar eu uma vez à cabeceira,

senão dava uma peça de oito mil-réis a uma comadre do campo que a pretexto de a ver se lhe pôs a chorar misérias...

PADRE CORREIA Noventa e cinco anos! Que linda idade.

DOUTOR FINO (*com ímpeto*) E não querem que diga?... Eram macróbios, sim, minha senhora, e por isso lhe asseguram também a V. Ex.^a extraordinária longevidade. (*Serenando.*) Mas vamos ao que importa: V. Ex.^a está completamente restabelecida; agora é não haver descuido na alimentação. Muito leite, muito ovo...

D. MARIA (*assustada*) Leite, ovos... Mas leite já se não encontra agora; só nas minhas malhadas é que se apura algum e eu já dei ordem para não se vender nem uma pinga a menos de 13 vinténs a canada. E ovos! A dois por 35, doutor, a dois por 35...

DOUTOR FINO (*gracioso*) Pois V. Ex.^a estava no caso até de comer ovos do *aepyomis ingens*, se eles aparecessem à venda...

EPIFÂNIO Aepy... quê?...

AUGUSTO CÉSAR Ae... ae... py... py...

D. MARIA Aepy!?...

DOUTOR FINO (*vagaroso, com superioridade*) O *aepyomis ingeris* de Madagáscar, ave hoje desaparecida da face da terra, punha ovos de capacidade aproximada a dez litros...

EPIFÂNIO Ovos de meio almude!

SABINA (*que escutava com ar de quem está no teatro*) E quantos ovos desses deveria a minha sogra comer por dia, doutor?...

D. MARIA Que espirituosa menina, que espirituosa! Ah! doutor, a mocidade sempre é bem cruel... Mas ovos de semelhante bicho é que eu não engolia. Nem os meios de que disponho davam

para tanto. Os ovos são a ruína duma casa: bem se queixa a Viscondessa do Credo...

DOUTOR FINO (*atalhando, irritado*) Pois também o marido se queixava e dizia-me dias atrás... (*Sentenciosíssimo.*) Note-se que fazendo falar este visconde eu não emprego a tão conhecida figura de retórica chamada «prosopopeia»; não, embora irracional, o prócere possui o dom da palavra... Mas a que vem isto à balha? Ah! Ovos e leite. Pois não é preciso pensarmos mais no *aeypomis ingens*... contentar-nos-emos com ovos de galinha.

AUGUSTO CÉSAR Muito sabe o Dr. Fino!

EPIFÂNIO Sabe tudo...

PADRE CORREIA Mas não pode tragar o Visconde do Credo...

SABINA É porque a Viscondessa todos os dias o faz mais duro de roer...

D. MARIA O caso é que estou muito fraquinha e com umas constantes debilidades que me matam...

DOUTOR FINO Ovos e leite, e depois tónicos, sempre tónicos, mais tónicos: eis o que esse corpinho necessita. (*Solene.*) Vou receitar. (*Levanta-se e aproxima-se de uma secretária, ao canto da casa, onde há papel e tinta.*)

EPIFÂNIO Tónicos são uma grande coisa... já uma vez...

PADRE CORREIA (*interrompendo*) Então o nosso ilustre ministro sempre chega breve?

D. MARIA Parece que sim, mas o Júlio alguma coisa deve saber ao certo... (*Para SABINA:*) Então o seu marido não teve notícias no correio?

SABINA (*distraída*) O correio já chegou?

D. MARIA (*escandalizada*) Pois às duas da tarde ainda a menina pergunta se já veio o correio que chega de manhã cedo?

SABINA Perdoe, minha mãe, mas não entendi...

D. MARIA Só por troça! Nós desejávamos dever-lhe a fineza de nos dizer se o Júlio recebeu novas ou mandados do ministro...

SABINA (*resignada*) Recebeu... Chega depois de amanhã, como estava combinado.

D. MARIA Parece que tudo isto lhe é indiferente... e no entanto por causa da menina é que ele cá vem dar-nos tanto incómodo e causar-nos tanta despesa...

SABINA (*surpreendida*) Por minha causa!...

D. MARIA Que simplicidade tão inocente!... Se não gastassem o que gastaram lá por essas Babilónias de França decerto estaríamos longe da contingência tão amarga de adular ministros e recebê-los em casa — Deus sabe com que sacrifícios! — só para ver se alcançamos colocação remunerada a quem tanto possuía de seu e podia viver em farta independência...

SABINA (*irritada*) Pois minha senhora... (*emendando, mais branda, com um sorriso*) pois minha mãe, em tudo isso figuro eu como Pilatos no credo. Se o Júlio gastou o que era seu foi antes do casamento. Agora o que é certo é ter ele ingenuamente confiado na liberalidade da mãe, mas enganou-se de todo em todo.

D. MARIA A liberalidade da mãe! Não ouvem isto? Depois de atirarem o dinheiro fora, às mancheias, lá por aquelas festanças imorais do estrangeiro, entendem que eu me devia despir para continuarem a orgia... Isso talvez sucedesse no Brasil, menina, mas em Portugal há mais juízo.

SABINA (*sorrindo*) No Brasil os doidos não são tantos como a mãe supõe e pelo menos a gente somítica ali é rara...

DOUTOR FINO (*levantando-se com a receita na mão e atalhando*) O Brasil é um país de infinitos recursos económicos!...

D. MARIA Mas sempre é país de república onde cada um faz o que quer...

DOUTOR FINO Nem tanto assim, nem tanto, minha senhora. País de república é a França e nem por isso lá se apagou o facho que ilumina o mundo: Paris!

D. MARIA Sim, França, Brasil, república: boa amostra me trouxe para casa tudo isso...

SABINA (*com naturalidade*) O doutor Fino ainda não esteve em Paris: devia lá ir com a minha sogra completar-lhe a restauração...

D. MARIA Que zombaria!

DOUTOR FINO E porque não?... Paris com efeito está repleto de estabelecimentos imorais mas é igualmente abundante em instituições científicas de primeiríssima ordem...

SABINA A visita a uns e outros conviria a minha sogra...

D. MARIA O quê? Não percebo...

DOUTOR FINO Havemos de ir a Paris e a Roma um dia próximo, eu e aqui o nosso Padre Correia.

PADRE CORREIA Não senhor, isso nunca! Sem conhecer primeiro as riquezas nacionais não saio do país. Primeiro quero ver Leiria, Braga...

D. MARIA Pois eu cá não arredo pé de casa ainda que viva cem anos, não posso com tamanhas despesas... bastante já tenho sofrido por causa de estrangeiros e a minha doença mais do que tudo, talvez, são cuidados...

DOUTOR FINO (*vitorioso*) Pois tónicos, minha senhora, tónicos... (*Mostrando a receita.*) Aqui temos nós um novíssimo de prodigiosos efeitos.

D. MARIA Sim?... Olhe que essas novidades são sempre tão caras!... Ah! E os boticários abusam. Pois acreditam que em todo aquele receituário

da minha doença — aquela doença tão grande! — o farmacêutico Brás não fez abatimento algum? Também já lá não mando mais... depois, é um homem sem religião, blasfemando de Deus e da Igreja defronte seja de quem for... Os meus criados já lhe não querem pôr o pé na botica só para não ouvirem as suas heresias. Se ainda houvesse Inquisição com certeza que já estava torrado e bem o merecia.

PADRE CORREIA Ora aí está como são as coisas: eu não tenho razão de queixa. Sempre me tem tratado com muita deferência e na última doença da minha ama, quando ela lá foi fazer contas, disse muito bem de mim e deu-lhe de presente um sabonete, por sinal que o pusemos no lavatório de Sua Excelência Reverendíssima, na sua última visita diocesana...

SABINA Sempre é melhor estar de bem com a ama do Sr. Padre Correia do que... com a Virgem Maria.

D. MARIA Menina, menina, que grande inconveniência!

EPIFÂNIO Essa foi de escaldar...

PADRE CORREIA (*com unção*) O martírio é de todos os tempos...

SABINA Sossegue, que se o lançarem sempre a feras como eu...

EPIFÂNIO (*para Augusto César*) Que figados de menina...

AUGUSTO CÉSAR Uma pantera...

DOUTOR FINO (*paternal, para SABINA*) V. Ex.^a anda mal-humorada... a V. Ex.^a convinha lubrificar-se a miúdo...

SABINA Doutor, como é amável!...

D. MARIA (*profética*) Tudo se vai acabando, tudo! Respeito aos velhos, à família, à religião, à propriedade... Eu quando vejo estes espíritos subversivos, criados, entre gente educada, nos bons sentimentos, atentar contra o sagrado, não me admiro dos desvarios desses desgraçados sem amparo

que pretendem à viva força arrancar a cada um o que é legitimamente seu, a pretexto de moral e de justiça...

DOUTOR FINO (*autoritário*) Mas não arrancam...

D. MARIA Os jornais é que o dizem...

DOUTOR FINO (*decisivo*) Não arrancam, pode... dormir descansada. Essas teorias que os jornais apregoam como novidades terríveis não passam de velharias inocentes. Já no século XVII o padre jesuíta João de Mariana no seu livro *De Rege et regis institutione* proclamava que a propriedade é um roubo.

SABINA (*ingénua*) Pois será possível que houvesse um padre tão inteligente?!

PADRE CORREIA O Padre João de Mariana anda apontado entre os mais vernáculos escritores castelhanos.

D. MARIA (*lúgubre*) Não, doutor, não, hoje tudo vai a pior; não há calamidade que se não deva esperar... Quem sabe o que nos reserva o dia de amanhã?

EPIFÂNIO (*para AUGUSTO CÉSAR*) Leu o que o *Notícias* dizia ontem?

AUGUSTO CÉSAR Então?

EPIFÂNIO Parece que em Viseu as andorinhas andam hidrófobas.

AUGUSTO CÉSAR Será por causa dos macróbios...

EPIFÂNIO Julgo que não... Mas quem sabe disso é o doutor. Ó doutor, o que pensa?!...

DOUTOR FINO Penso que quem possui alguma coisa de seu precisa defender-se... Acolhendo-se à proteção da milícia espiritual...

SABINA Em todos os tempos a mais mercenária e a mais cara...

D. MARIA O que vale são os bancos, porque se os trabalhadores de enxada sonhassem que tínhamos algum dinheiro junto, em casa, assaltavam-nos... Mas os bancos que interesse dão?

AUGUSTO CÉSAR Sim, que interesse dão...

D. MARIA Quase nenhum ou nenhum e emprestar ao lavrador é perder para sempre a esperança de reaver o nosso dinheiro e ainda por cima criar inimigos... Vejam o que sucedeu com o João Viana e aqueles 20 contos que me devia. Tinha todas as garantias, mas lá me ficou o dinheiro mais de quinze anos, a dez por cento, e se pagou o capital foi preciso pôr-lhe tudo em praça depois duma questão que durou três anos, e dos juros atrasados só recebi a cinco por cento...

PADRE CORREIA (*ressentido*) A tal leizinha dos cinco por cento...

D. MARIA E agora a viúva escreve-me que ficou na miséria, a pedir por portas, e eu que a remedeie como se fosse por culpa minha... (*Com rancor.*) Aquela senhora que se fartou de dizer por aí à boca cheia que eu era uma onzeneira...

SABINA Já é deslante!

AUGUSTO CÉSAR E a propriedade não é mais segura nem mais rendosa...

D. MARIA Isso! O vinho não vale nada; lavoira, uma ruína; cortiça, fica metade em casa, do refugio; alfarroba e amêndoa são de ano e vez, e os figos, que é do que vive o pobre algarvio, dão por eles os senhores negociantes o que muito bem querem quando os caseiros os não comem todos, primeiro.

PADRE CORREIA Foi o que sucedeu este ano com os meus figuinhos. Arranjei uma tulha bem boa e como eram de excelente qualidade quis esperar o preço... Pois o demónio da minha quinteira, que depois da morte do marido lá me ficou em casa com seis moços pequenos e para mais ajuda me meteu de portas adentro a mãe, uma velha quase cega, tísica e esfomeada, ala-se com toda a tropa aos figuinhos... Em resumo,

se lhes não dou fogo ficava sem coisa nenhuma. Lá os entreguei mesmo sem preço ao Manuel Sampaio, que Deus sabe quando me fará contas...

SABINA Escapou de boa, Sr. Padre Correia!

D. MARIA A propósito de quinteiros, Padre Correia, tenho o filho do José do Vau muito doente... O José do Vau é um dos meus homens de confiança e valha a verdade mostra-se digno dela, como o eram também o pai e o avô, pois há já não sei quantas gerações que servem a minha família... Agora adocece-lhe o filho mais velho, que era quem tratava das vacas e me faz uma falta que só Deus sabe... Ora o Doutor Fino diz que a casa onde estão é muito má. Não é verdade, doutor?...

DOUTOR FINO Nem para animais serve, minha senhora. Lá dentro chove como na rua.

D. MARIA (*compungida*) Que querem? Esta gente do campo é tão desleixada! Eles já me têm pedido para eu mandar consertar a casa; mas quem é que se mete em obras com os pedreiros caros como andam! Enfim, o melhor será entrar o doente para o hospital. Arranje lá isso, Padre Correia, pois é de toda a justiça: os pais não podem ser mais pobres... Eu queria que ele entrasse no hospital amanhã...

PADRE CORREIA Pois não, minha rica senhora. As camas dos pobres estão todas tomadas, mas hoje mesmo despedirei um demo dum velho que lá caiu com doença crónica há mais de três meses...

SABINA Três meses, que escândalo!

PADRE CORREIA Os hospitais não se fizeram para as doenças crónicas e então esta gatinha, que em se apanhando lá dentro com comida às horas e a cama feita, é como as carraças: ninguém a despega... A mais disso o nosso hospital que quase não tem recursos...

D. MARIA A verdade é que se os hospitais recebessem toda a classe de doentes não havia dinheiro que chegasse... O filho do José do Vau tem uma costela rendida. Rapazes, querem fazer de valentes!

Aquilo foi com uma grande eirada, no verão passado. Não havia sacos bastantes e ele disse: «Ora, não há de ficar o trigo na eira, medem-se seis alqueires em cada saco; eu mesmo os carrego para as carretas» e assim foi... O Doutor Fino diz que se ele estiver sossegado um mês no hospital fica bom.

DOUTOR FINO Um mês! Não sei, o caso é grave...

PADRE CORREIA Estará o tempo que for preciso; amanhã mesmo pode entrar.

EPIFÂNIO (*que esteve conversando em voz baixa com AUGUSTO CÉSAR*) Sr.^a D. Maria, aqui o Sr. Augusto César e eu muito desejávamos ver os quartos destinados ao ministro. Devem estar lindamente adornados.

D. MARIA Pus lá algumas coisas melhorzinhas que tenho e queira Deus não levem sumiço... Lá estão o jarro e a bacia de prata, trazidos de Itália por D. António Freire, bispo da Guarda, e que figuraram na exposição de objetos antigos que houve em Lisboa... Eu ando sempre com medo não se amolguem os relevos que são muitos, muito delicados e custam deveras a limpar. (*Rindo.*) Não sei de desgraças, à cautela fui metendo dentro da bacia de prata outra bacia de louça da Figueira... Se o Sr. ministro reparar, que tenha paciência. (*Levanta-se.*) Já que isso lhes agrada vamos todos ver...

PADRE CORREIA, DOUTOR FINO, EPIFÂNIO e AUGUSTO CÉSAR (*levantando-se*) Vamos, vamos lá...

D. MARIA (*acompanhada pelas visitas, dirige-se à segunda porta da esquerda*) Por aqui, por aqui... (*SABINA fica imóvel na cadeira de braços que ocupou durante a cena inteira. O PADRE CORREIA vai ao lado de D. MARIA, que abre a porta e sai com ele. Ao passar diante de um dos quadros dependurados na parede, o DOUTOR FINO, EPIFÂNIO e AUGUSTO CÉSAR param.*)

DOUTOR FINO (*apontando para o quadro*) Este é por certo um dos mais notáveis monumentos que existem no mundo...

EPIFÂNIO E como se chama?

DOUTOR FINO A torre inclinada de Pisa.

EPIFÂNIO E não cai?... Então fizeram-na logo assim torta?...

DOUTOR FINO Talvez... Outros monumentos houve porém semelhantes a este, como as torres de Saragoça, de Constantina, etc., que se desviaram da vertical depois de acabadas e mais tarde foram demolidas por ameaçar ruína... Mas esta permanece eterna na sua estupenda inclinação.

AUGUSTO CÉSAR E isso que admira?... E a inclinação das Pirâmides do Egito!...

EPIFÂNIO Ah!... (*Saem.*)

CENA V

SABINA, só.

SABINA (*que lhes ouviu a conversa, olhando-os com ar de sonâmbula, encolhe os ombros sem mesmo sorrir e monologa*) Há de viver muito e tem na sua ascendência os mais notáveis macróbios desta província!... O Doutor Fino é um perfeito imbecil, mas neste caso acerta irremissivelmente... E de constituição muito forte... Se o é! Não era preciso ouvir a opinião de Hipócrates para lhe darem ainda trinta anos de vida... Agora, depois da doença, limpou e será eterna... (*Afetadamente poética.*) Desvaneceu-se-me a última esperança como se esvai muito longe, ao crepúsculo, um fumo leve no cume da montanha. Vem caindo, pesada, a noite afogando-me todo o vislumbre da alegria na espessura das suas trevas. (*Veemente e sincera.*) Mas eu sinto por essa velha avara empedernida um ódio que me consome!... Parece-me que cada um dos seus olhares, quando em mim poisa, me sorve um pouco de mocidade... (*Com desalento.*) Nenhum recurso... nenhum! Meu marido! Poeta e poeta meridional, pairando com o fraseado colorido que me seduziu e me trouxe a esta desgraça... falando sempre, deliciado nos próprios gorjeios com os quais julga embriagar-me também a mim... Nunca será possível chamar essa criatura à consciência

da realidade!... A mãe deixa-o cair na mais completa miséria, recusa-lhe todo o auxílio, exprobra-lhe a cada instante as liberalidades passadas e para mostrar bem claro que não o amparará, quando porventura ele resvale às máximas vergonhas, nega-se a pagar uma letra de cem mil-réis protestada, ela que tem de renda diária muitas vezes essa quantia!... E por parte dele nenhum ressentimento, nenhuma revolta... Eu já não sei de que expediente lançar mão a ver se o galvanizo... Faz-me sonetos, entoa-me hinos de amor e... deixa correr o marfim... *(Com desprezo.)* Meu marido! Que pasta mole!...

CENA VI

A mesma, JÚLIO e no fim JOSEFINA.

JÚLIO Sozinha?

SABINA Sim, deixaram-me um momento, mas o bando está lá dentro e não tarda.

JÚLIO Dizes isso com o ar assombrado de quem receia aparições, fantasmas, bruxas... É provável que o bando saia por outro lado; aposto que o escorraçaste...

SABINA Eu?!...

JÚLIO Pois não tinhas alma para tanto?...

SABINA Júlio, não brinques... estou muito séria e horrorosamente triste...

JÚLIO *(inquieto)* Triste?...

SABINA Como um dia de finados... Anda cá. *(JÚLIO aproxima-se, estendendo as mãos que SABINA toma entre as suas.)* Ajoelha... *(obedece)* e pede-me perdão...

JÚLIO *(risonho)* Perdão, perdão...

SABINA Pois de nada te acusa a consciência, pois não sentes remorso por me haveres trazido a este suplício! Júlio, tu já te alistaste no bando. Pede-me perdão, pede-me duplamente perdão...

JÚLIO (*cómico*) Perdão, perdão!

SABINA Zombas... Perdão por tantos tormentos que infligem à tua pobre amiga e porque buscas meios de os exacerbares... Pede-me perdão...

JÚLIO Sim, peço perdão... (*Enternecido.*) Mas a minha leviandade!... Ó minha querida amiga e eu a julgar que saíras malferida de alguma dessas escaramuças que tanto te apraz travar com o bando!... Já sei... Sim, minha mulherzinha, peço-te humildemente perdão. Eu bem prevejo que horrível maçada vais ter com a vinda do tal ministro... A mãe está ainda tão fraca! Tem paciência. (*Beija-lhe as mãos.*) Lembra-te que é para bem de nós ambos.

SABINA O ministro!... Mas eu não penso em tal, e a tua mãe, sossega, não está na disposição de delegar seja em quem for as fadigas do governo da sua casa...

JÚLIO Ah! Percebo, é por causa do malfadado adereço de opalas...

SABINA (*irónica*) Que mania de procurar enigmas só para ter o gosto de os decifrar... Pois bem, será...

JÚLIO É, que eu bem sei... Não te apoquentes, não? Tu foste agora, como sempre, razoável: a pretexto de que as opalas te vão melhor do que qualquer outra pedra, quiseste o adereço mais barato... Pois se desejaesses as esmeraldas também as teríamos... Para as opalas, esqueci-me de to dizer, o Guimarães escreve-me que se arranja tudo com 300 mil-réis... Vindo no dia seguinte ao da chegada do ministro, poderás pô-lo na noite do baile. Temos tempo de sobra. Olha que são apenas 300 mil-réis...

SABINA Só isso?... E onde os tencionas ir buscar, pergunto, cheia de curiosidade?

JÚLIO (*perplexo*) Pois a mãe há de recusar... nesta ocasião...

SABINA Recusava-os ainda que fosse em pagamento da minha passagem para o outro mundo.

JÚLIO (*rindo*) É possível... Em avareza ninguém a excede, mas neste caso prometeu e não falta... E a ocasião em que o fez foi solene, quando a doença ainda a tinha prostrada. Até me pareceu que a promessa de resgatar as joias empenhadas lhe aflorou aos lábios como um grito da consciência, assim de quem sentia confusamente a necessidade de aplacar com algum sacrifício enorme a cólera divina. Depois o que lhe pedimos em comparação do que prometeu nada é; para desempenhar todas as joias são precisos mais de seis contos e nós contentamo-nos com a bagatela de 300 mil-réis...

SABINA Pois recusa. Está cada vez mais irritada contra mim... Tu sabes que de todas as joias a única de que usei foi o adereço de opalas e por isso mesmo é o único que eu sei que me vai bem. As outras nunca as vi: tu empenhaste-as — e fizeste muito bem — antes do nosso casamento... Mas a tua mãe tudo me atribui e decerto supõe que as joias foram empenhadas para satisfazer a algum dos meus desvairados caprichos... Ainda há pouco, diante de todo o bando, me acusou de ser a causa da tua ruína....

JÚLIO Minha pobre amiga!...

SABINA ... insistindo no facto com a convicção inabalável de quem possui provas certas...

JÚLIO (*coabrindo-lhe as mãos de beijos*) Perdoa...

SABINA Sim, é de tudo isso, desta vida que levo, do aborrecimento que me causam, do quase desespero em que estou, que tu me deves pedir perdão...

JÚLIO Como eu sou estúpido, leviano, egoísta!... Sim, minha querida amiguinha, suplico-te, não de joelhos mas de rastos, que me perdoes... Tu bem conheces que é leviandade e nunca falta de amor o que me traz longe das tuas mágoas... E egoísmo, sobretudo, mas o egoísmo da adoração...

No gozo de te sentir sempre ao meu lado, o que recompensa de toda a classe de mortificações, nunca penso que tu sofres... Ah! Filha, é que ter-te aqui, nesta paisagem de alegria, ao pé deste risonho mar, é para mim o paraíso sonhado, e o único sério receio da minha vida é faltares-me tu...

SABINA Deixa a poesia e a musa e pensa um pouco na tua mulher e na sorte que a espera...

JÚLIO Pois poderia eu pensar noutra coisa? Pois não é o hálito dessa boca adorada que me perfuma o ar que respiro; pois os meus olhos veem outra luz que não seja a desses olhos repassados de melancolia; pois na água em que mergulho não sinto eu a fluidez dos teus cabelos; e as carícias das tuas mãos, que luar de agosto haverá mais subtil e que aromas se comparam aos que o teu seio exala!...

SABINA Bem, desvarias... Tu deves recitar um desses trechos de mais inflamado lirismo quando o bando todo estiver presente...

JÚLIO Sim, o que eu lamento mais é a vulgaridade das pessoas que te cercam e a ideia de que tu sofras pela grosseria das suas expressões e pela vileza dos seus sentimentos; mesmo quando te louvam as tenho na conta de sacrílegas... Eu vejo-te às vezes, em sonho, num claustro empapado de luar, sobre uma peanha de cristal de rocha ao redor da qual se estorcem monstros horríveis em cujas feições reconheço os Epifânios e os Augustos Césares...

SABINA Júlio, para, basta... Falemos sério. Eu não me queixo da inferioridade estética das nossas relações; seria loucura esperar que fossem de diferente liga... eu admiro e compreendo o teu mar, o teu céu, o éter deslumbrante que envolve a tua paisagem. Estimo-te imenso e parece-me haver-to provado sujeitando-me sem o mínimo clamor às vicissitudes amargas da vida que levamos desde que nos juntámos. Estou por tudo, mas com uma condição acerca da qual é inútil esperar que eu transija: não quero continuar a viver com a tua mãe...

JÚLIO Tens razão, tens toda a razão... e nem penso em recriminar-te pela intenção injusta que as tuas queixas envolvem a meu respeito;

sobejam-te motivos para estares exasperada... Quantas vezes não tenho eu pensado em livrar-te de semelhante cativo, e, francamente, se não fosse o perigo em que doença a teve, à minha mãe, fazendo-nos quase esperar... (*Cala-se, enleado.*)

SABINA Esperar!

JÚLIO Nem eu sei que loucura me acudia aos lábios...

SABINA Acaba... Pois a tua alma encerra mistérios vedados a tua mulher!... Acaba... O perigo em que ela esteve deu-nos a esperança da salvação...

JÚLIO Com efeito, se a minha pobre mãe morresse, o que eu, de resto, sentiria profundamente como filho...

SABINA É curioso como tu és mil vezes mais «filho» de uma mãe que te não estima do que «marido» de uma mulher que te estremece...

JÚLIO (*em tom de suave censura*) Amiguinha... não tens dó de mim!... Mas é facto, sim, minha mãe sempre teve o mesmo espírito interesseiro e a mesma dureza de coração. Eu não sei, não posso descobrir onde fui buscar esta minha afetividade, esta minha incansável aspiração ao amor, a minha ternura por tudo que vive e a minha compaixão por todos os sofrimentos... E porque sou assim é que mais sinto quando te mostras injusta comigo... Pois a maneira como ela te trata tem-me despegado completamente da afeição que lhe tinha, a ela, que sempre é a minha mãe... Agora, por ela faria! É minha mãe mas dói-me pensar ainda na obrigação em que estou de a estimar só porque é minha mãe... Isto é para mim um enormíssimo peso... Reconheço que por ela nenhum sacrifício faria... Mas por ti, Sabina, minha vida, por ti empreenderia tudo...

SABINA Os trabalhos de Hércules...

JÚLIO Não zombes agora... Tu bem vês como eu estou sempre mais namorado, mais orgulhoso dos teus lábios, do teu sorriso, do teu corpo, da tua alma... E a minha insensatez, a minha vaidade não me cegam até

ao ponto de fiar do teu coração o benefício de me queres sempre bem... Sinto que a tua alma pode fugir-me só porque entre nós ambos se interpõe o espírito cruel da minha mãe... Mas que remédio! A sua avareza impede-nos de contar que dali nos venha algum benefício e eu bem percebo como tu padeces com a miséria, pois miséria se deve chamar à situação a que viemos. E o que sofro eu então! Tu, que eu desejaria ver servida por escravos, ardendo em pedras preciosas, dentro de palácios de uma sumptuosidade tal que confundisse a imaginação, chegaste ao transe de ter de arranjar, pelas tuas próprias mãos, para os pôr um pouco mais à moda, os teus vestidos, e...

SABINA E não tenho um vintém para mandar cantar um cego...

JÚLIO Não possuis o cabedal bastante ao exercício da caridade, meu anjo, pois à tua celestial beleza convinha essa divina missão na terra: aliviar sofrimentos, distribuindo a riqueza, o bem-estar, a felicidade. Espalhar o oiro! Poder num instante alumiar com esplendores de rosicler os antros onde a miséria torva geme nas trevas... Era assim que eu sonhava a minha adorada Sabina...

SABINA Lindo sonho, tão infinitamente longe da realidade...

JÚLIO (*ingénuo até ao desaforo*) Pois assim é que a minha imaginação apraz figurar-te...

SABINA E ficas-te no sonho; ao despertar resignas-te com a realidade...

JÚLIO (*veemente*) Não me resigno, meu amor!... Algum acontecimento propício surgirá... (*Piegas.*) Até aqui o meu encanto era dormir ao lado de quem adoro; ao teu lado, minha amiga!... Estava tão cansado de Paris; a nevrose das grandes cidades exacerba a minha própria nevrose. Eu tenho o temperamento bucólico e o meu coração almeja por sossego...

SABINA Bem o vejo...

JÚLIO E a glória de te possuir livremente e completamente neste lindo canto do mundo era lenitivo suficiente às amarguras que se me destilavam na alma... Possuir-te exclusivamente...

SABINA E descansadamente, sobretudo... Que receios haveria em competência aos Epifânios e aos Augustos Césares!...

JÚLIO Um momento só... não sejas cruel, Sabina. Eu adormeço aqui porque tudo a teu lado me embebe de felicidade... Mas talvez valesse mais que sempre assim fosse... O rolar contínuo por entre as durezas do egoísmo nas grandes cidades deve empedernir o coração humano: que feras não haverá em Londres, em Paris?...

SABINA E nas aldeias, quantos arcanjos e serafins...

JÚLIO (*lírico*) A aldeia, o campo, a solidão das matas e o mar vastíssimo repousam das angústias do orgulho e penetram a alma de poesia, saturando-a de bondade...

Sabina E quem é mau à beira-mar não é melhor no bulevar dos Italianos...

JÚLIO Isso é comigo!... Eu bem sinto o ferro em brasa da tua recriminação... Mas já to confessei: tenho remorsos por te haver trazido a esta desgraça... No entanto espera... Com a vinda do ministro é provável que se nos depare ensejo de dar solução à nossa vida...

SABINA E se a não encontrarmos?

JÚLIO Não descreias!... Desde que te alcancei a ti julgo-me fadado para as máximas venturas. Atravessamos agora uma fase de duríssimas provas, após as quais, como em seguida à tempestade, a felicidade nos sorrirá...

SABINA Mas se não encontrarmos prontamente a solução desejada?...

JÚLIO Ah! É que animado como eu estou, resolvido a tudo tentar, havemos de obter... Não sei o que é isto mas parece-me sentir impulsos de uma indomável vontade, alentos de gigante...

SABINA Que longe de mim, como os papagaios de papel quando para o vento, vêm logo a terra... E a situação permanece invariável, e nós eternamente à mercê da tua boa mãe...

JÚLIO Não... nunca... Tu ainda me não conheces. Sabina, nem calculas, de longe, a que sacrifícios o teu amor me abalancharia! Hei de soltar-te desse cativoiro. Eu ainda guardo o pudor de filho que me tolhe de confessar, a ti que seja, a verdade dos meus sentimentos... E tenho mais energia do que se te afigura... Oh! Mas muito mais. Cotejando as minhas afeições descubro que o meu amor por ti absorve tudo e se transforma em ódio a quem te faz sofrer. A minha mãe comparada contigo nada vale na minha estima; sinto que por ela, e ainda no lance mais doloroso, permaneceria inerte... Não hesitaria em dar-te a felicidade ainda mesmo empregando meios que a afrontassem e afligissem... Escuta o que te digo, escuta com atenção, porque o que te vou declarar não são vãs palavras, mas o grito da minha alma posta a nu: para te ver contente sacrificaria tudo; tudo: amizades, família, riqueza, honra; por ti iria ao crime... até ao mais revoltante dos crimes: falsificava assinaturas, saía à estrada a roubar... matava...

JOSEFINA A Sr.^a D. Maria pergunta se o Sr. Júlio pode lá chegar, agora já. (*Sai.*)

JÚLIO (*correndo a mão pela testa com ar romântico de quem desperta de um pesadelo*) Vou já... (*Para SABINA:*) Volto num instante.

CENA VII

SABINA, só.

SABINA (*imitando-lhe a intonação teatral*) Até ao mais revoltante dos crimes!... Até ao crime? E quem sabe? (*Melancólica.*) Pobre poeta! O crime! Que tremenda palavra... o crime! E ele vê-se já com as mãos tintas do sangue que espirrou do coração do monstro a cujo poder me arrancasse... Tal a cena de Perseu e Andrómeda. Sim, a ideia do crime onde figura uma mulher bonita em cativoiro para ele deve revestir a forma mitológica. O crime! Que palavra tão vã... Mas para estas criaturas mal temperadas tem sentido, é um espantalho, é uma elevada barreira a transpor, é o pico inacessível de uma montanha infinitamente alta... é uma grande prova. (*Rindo.*) O Júlio capaz de cometer um crime! Não, francamente não acredito...

CENA VIII

A mesma e EPIFÂNIO.

EPIFÂNIO (*entrando sem que SABINA o pressinta*) Sozinha...

SABINA E quem sabe?... Se ele me ama! E à sua maneira ama-me. Todos os seus sentidos estão presos à minha carne e se me perdesse perdia o rumo. (*Rindo.*) Ficava como um balão de hidrogénio solto à mercê de todas as correntes de ar e... rebentava...

EPIFÂNIO (*que se foi pouco a pouco aproximando de SABINA, depois de compor a gravata ao espelho, a meia voz*) Ex.^{ma} Sr.^a D. Sabina...

SABINA (*sem o ouvir*) Sim, tem-se visto o amor transformar em heróis os mais pusilânimes... Mas é outro amor... Eu sou leiga em psicologias e nada sei destrinçar, mas tenho a certeza de que deve ser outra espécie de amor... Além de tudo o mais, ele está certo de mim como de uma coisa sua, que ninguém lhe disputa... E tem carradas de razão; onde encontrar aqui rival que o assombrasse!...

EPIFÂNIO (*levantando a voz*) Ex.^{ma} Sr.^a D. Sabina...

SABINA (*voltando-se*) O Sr. Epifânio? Então já nos deixa...

EPIFÂNIO Vou-me embora... isto é, ia... mas como encontrei a V. Ex.^a aqui, sozinha...

SABINA Então?...

EPIFÂNIO Lembrei-me de lhe oferecer os meus serviços...

SABINA Os seus serviços... mas não se pode ser mais amável!...

EPIFÂNIO Sim... talvez V. Ex.^a quisesse, para se entreter, algum livrinho desses, bonitos, do Xavier de Montepin... Eu tenho a coleção completa...

SABINA Montepin?... O meu autor favorito... Sei-o de cor, Sr. Epifânio... E mais nada?...

EPIFÂNIO Que boa memória!... Também tenho o Paulo Feval, conhece?

SABINA Pois não havia de conhecer!...

EPIFÂNIO (*animado*) É de todos o que mais me impressiona... Sempre estes escritores me têm feito derramar tanta lágrima! Agora, então, com a história que se acabou... Ah! Que história, D. Sabina... Trata-se duma senhora do grande mundo que se apaixonou por um mancebo de baixa extração...

SABINA Sim? Deve ser interessante... E o que faz o mancebo de baixa extração?... Corresponde?...

EPIFÂNIO Não!... Ele já amava e muito, mas em segredo, sem se atrever a dizer nada com medo do conde...

SABINA Tinha então medo do conde... Há condes que metem muito medo, por isso Deus arranjou algumas condessas destemidas...

EPIFÂNIO Não, D. Sabina, está enganada: o conde não era o marido, era o amante, mas um espadachim valentíssimo...

SABINA E o mancebo de baixa extração, claro está, não jogava as armas...

EPIFÂNIO Está visto...

SABINA Aposto que o Sr. Epifânio não tinha medo do conde e declarava-se logo...

EPIFÂNIO Ah! D. Sabina... Eu não sou filho das ervas e tenho desempenhado alguns cargos de consideração... já fui um ano reitor da irmandade do Senhor dos Passos e até outro ano me nomearam quarto juiz substituto da comarca... Mas isto... quem ama... — cá a mim sucede-me assim! — põe-se-lhe um nó na garganta, apenas vê a mulher adorada...

Ah! D. Sabina, falo por experiência própria, pois eu... (*perscruta com o olhar, em redor*) eu também amo...

SABINA E não se atreve?...

EPIFÂNIO Só por carta...

SABINA Não é mal lembrado... põe toda a gente à vontade.

EPIFÂNIO (*à parte*) E se eu me atirasse agora? (*Alto.*) Numa carta cabe tudo...

SABINA Decerto...

EPIFÂNIO (*buscando na algibeira do casaco*) Vou-me embora, vou-me embora que já não posso...

SABINA Está incomodado?...

EPIFÂNIO (*com trejeitos*) Ai!...

SABINA O que lhe dói?...

EPIFÂNIO (*com a mão sobre o coração*) Ai!

SABINA Tem falta de ar?...

EPIFÂNIO (*estendendo a mão, que tirou da algibeira com uma carta fechada*) Adeus, minha senhora... eu nunca mais cá volto... peço-lhe que me esqueça... Adeus! (*Deixa cair a carta aos pés de SABINA e dirige-se apressadamente para a porta do fundo.*)

SABINA (*rindo e apanhando a carta*) Uma carta... em sobrescrito comercial... E que linda caligrafia!...

EPIFÂNIO (*junto à porta, em tom malicioso*) Sempre aceitou... As mulheres são todas o mesmo!... (*Sai.*)

SABINA (*rindo muito*) Uma carta do Epifânio... do E... pi... fâ... ni... o!... (*Vai abrir, mas detém-se.*) A título de curiosidade?... Mas nem para o caso serviria... (*Rasga-a em pedacinhos e chega-se à janela, onde se debruça para os deitar fora.*) O Epifânio levou com a papelada no seu lindo chapéu branco... (*Ri às gargalhadas e debruça-se novamente.*) Lá está ele a apanhar do chão todos os papelinhos... Aquilo é com certeza medo do conde!... (*Subitamente triste.*) Uma declaração do Epifânio e com a respetiva carta de namoro... Meu Deus, mas isto é o coice do asno! Estarei eu já moribunda?...

Desce o pano.

SEGUNDO ATO

A cena, dividida a três quartos, forma à esquerda um camarim ou toucador com móveis antigos de épocas diferentes, entre os quais sobressaem um jarrão da China com peanha de bronze lavrado e um grande espelho doirado, de balouço, a que os franceses chamam psyché; à direita, e comunicando com o toucador por uma só porta, vasto salão de baile iluminado a estearina por dois lustres de cristal e várias serpentinas de prata. O ato começa ao findar uma quadrilha de que a filarmónica local executa os últimos compassos antes de subir o pano. Os convidados passeiam em grupos, com o movimento próprio do final dum baile provinciano; alguns passam ao toucador a despedir-se de D. MARIA, que ali permanece, sentada num sofá, e outros saem pelo fundo do salão, o qual fica deserto ao começar a VIII cena.

CENA I

No salão.

EPIFÂNIO e JOSEZINHO SOARES.

EPIFÂNIO (*adiantando-se até ao proscénio com o JOSEZINHO pelo braço*) Foi um baile de truz... Hem, que te parece, Zezinho Soares!

Comparado a este baile só a festa que deram em Faro aos oficiais do batalhão dos ricos proprietários de que o meu papá fazia parte...

JOSEZINHO SOARES Nesse tempo não arranjavam uma coisa assim... só se em Lisboa, mas no Algarve nunca se viu coisa igual... Eu cá, pelo menos, nunca vi...

EPIFÂNIO Tu tens visto pouco: já te disse que o baile de Faro não tinha comparação...

JOSEZINHO SOARES Mas tu não estiveste lá...

EPIFÂNIO Quantas vezes queres ouvir que estive o meu papá...

JOSEZINHO SOARES O teu pai morreu ainda tu não andavas...

EPIFÂNIO E isso o que tem?... Não te faças tolo. Bem sabes que destas coisas eu entendo mais do que tu...

JOSEZINHO SOARES Do que eu, que já estive em Lisboa três vezes?

EPIFÂNIO (*enleado*) Olha a fineza!... Mas deixemos isso que não estou para questões... E a respeito da rainha do baile, por quem votavas tu?...

JOSEZINHO SOARES Ó homem! Pois por quem havia de ser senão pela D. Sabina?...

EPIFÂNIO Cala aí... Aquilo o que tem são ares e ossos... Boas polpas e muito gagé, como a Viscondessa do Credo, isso é que está na tinta... E mulher dada, uma verdadeira senhora, não é agora aquela lambisgoia da D. Sabina...

JOSEZINHO SOARES Isso é despeito...

EPIFÂNIO Pois será... Desde a tal partidinha da carta que lhe não acho mesmo graça nenhuma... Mas chut!... (*Põe o dedo nos lábios.*) Aí vêm o padre e o médico...

CENA II

Os mesmos, PADRE CORREIA e DOUTOR FINO.

PADRE CORREIA (*que na companhia do DOUTOR FINO se aproximou de EPIFÂNIO*) O ministro tem admirado muitíssimo as alfaias desta nobre casa...

DOUTOR FINO Por isso partiu a bacia da Figueira que estava no lavatório de prata...

PADRE CORREIA E teve então um espirituosíssimo repente...

DOUTOR FINO O que foi?

PADRE CORREIA Pediu perdão a D. Maria por lhe haver estragado aquela peça de museu...

EPIFÂNIO Uma bacia da Figueira!...

PADRE CORREIA D. Maria retorquiulhe sem demora...

EPIFÂNIO Não, que ela não tem papas na língua!

PADRE CORREIA Retorquiulhe: «De museu?... mas se já estava rachada... e no seu lugar pôs-se outra igual, nova. Aqui vendem-se a seis vinténs cada uma, mas ainda me lembro de quando custavam a pataco...»

DOUTOR FINO (*transcendente*) Também aquela manta de meter dentro dos lavatórios de prata, obra de algum extraordinário artifice da Renascença italiana, cacos da indústria nacional é um sintoma mórbido que bem demonstra a grande raça donde provém a nossa anfitriãoa...

EPIFÂNIO (*para JOSEZINHO SOARES*) O Dr. Fino fala como um livro!...

PADRE CORREIA (*impaciente*) Consintam que acabe de vender o meu peixe... Então o ministro, com a urbanidade cortesã de quem lida nos paços reais, observou: «Não, Ex.^{ma} Senhora, não é por certo o valor

intrínseco nem a artística fabricação que mais encarecem os objetos, mas as mãos por onde passaram...»

EPIFÂNIO Este ministro é um génio!...

DOUTOR FINO (*sentencioso*) Possui, com efeito, a eloquência cicerónica...

PADRE CORREIA Mas oiçam!... D. Maria descuida-se e pespega-lhe esta: «Pois saiba V. Ex.^a que quem se servia dela eram as criadas...»

DOUTOR FINO Essa agora.... essa agora... Mas como lhe escapou semelhante inconveniência?... Inconveniência, repito: pois que outro nome se lhe poderia dar. Formidável *lapsus linguae*, Padre Correia...

PADRE CORREIA Como lhe escapou não sei: ao doutor, representante de uma ciência que tudo quer perscrutar, é que compete...

DOUTOR FINO (*vexado*) Talvez... (*Vitorioso.*) E porque não será ainda sintoma de degenerescência da grande mas esgotada raça donde provém a nossa ilustre anfitrião?!...

PADRE CORREIA (*com amargura*) ... em quem tudo se traduz por valores, preços e proveitos... Mas continuemos. O ministro não se comoveu e replicou: «Se V. Ex.^a mo permitir, levá-la-ei como recordação.»

DOUTOR FINO Parece-me que a amabilidade não pode ir mais longe...

PADRE CORREIA Sim, mas evidentemente aqui já ia também a sua pontinha de escárnio... (*Com unção.*) Deus permita que a nossa boa senhora o não percebesse...

DOUTOR FINO E onde estará ela agora?...

PADRE CORREIA Deixei-a, não há nada, descansando no toucador da nora.

DOUTOR FINO E se nós fôssemos lá felicitá-la pelo êxito do seu esplêndido baile?...

PADRE CORREIA Pois vamos...

DOUTOR FINO Na magnificência desta festa é que me parece não caberem as setas aceradas do espirituoso mas maledicente ministro. (*Encaminhando-se para a entrada do toucador.*)

CENA III

EPIFÂNIO e JOSEZINHO SOARES.

EPIFÂNIO Que te parece, Zé Soares, pois não é uma boa alma a deste ministro!... Ó Zezinho Soares, estou entusiasmado... Olha que para um ministro, um homem daquela categoria, naquela posição, querer levar consigo os cacos duma bacia da Figueira... Esta hei de eu contar a toda a gente... Aquilo é um coração de oiro e juro-te que já não me mete medo. Suceda o que suceder havemos de lhe falar ainda esta noite.

JOSEZINHO SOARES E ele ouvirá a gente?

EPIFÂNIO ... Deixa, que eu tenho cá uns dizeres estudados... Olha que também esta partida do Júlio Freire, ainda me não ter apresentado ao ministro! Não, não esperava isto dum amigo de infância... Eu, que lhe segurei na bacia de barba no dia em que lha fizeram pela primeira vez! Pois ainda não teve alma para me dizer: anda cá, Epifânio, que o ministro deseja conhecer-te...

JOSEZINHO SOARES Terá ciúmes!

EPIFÂNIO Ciúmes!?!...

JOSEZINHO SOARES Sim, homem, por tu escreveres à mulher...

EPIFÂNIO (*assustadíssimo*) Está calado com isso, que é um segredo que no mundo só tu sabes... Não, ciúmes não... Mas eu faço-lhe sombra. E talvez por causa da pretensão com que anda a secretário de embaixada ou alguma grande posta assim... E quem sabe se o ministro, vendo-nos

a qualquer de nós, não mudaria de ideia... e em vez do Sr. Júlio Freire não abalasse por essas Europas fora o Epifânio Justo de Castro e Pina ou o nosso Zezinho Soares?...

JOSEZINHO SOARES Não, eu cá não queria... por forma alguma... Proposto de Fazenda e basta...

EPIFÂNIO (*inchado*) E eu cá secretário da administração... Pois dê lá por onde der havemos de lhe falar... Sinto-me com mais ânimo do que Roldão em Roncesvalles...

JOSEZINHO SOARES Também eu estou animadote... isto é do vinho.

EPIFÂNIO ... do carrascão! E essa, e então essa? Quando se serviam vinhos finos os criados passavam pela gente como fantasmas... Os copos já vinham com o destino escrito: todos para a gente da corte. Cá para a plateia só havia carrascão! Dessa não me esqueço eu enquanto for Epifânio...

JOSEZINHO SOARES Eu ainda escorropichei um cálix que a Viscondessa do Credo pôs quase cheio em cima duma consola...

EPIFÂNIO Zezinho, Zezinho! Tu és o mais ditoso dos mortais! E ela fez isso de propósito?

JOSEZINHO SOARES Não gosta de bebidas fortes...

EPIFÂNIO Não é isso que eu quero saber... Seria de propósito para tu beberes?

JOSEZINHO SOARES (*empavesado*) Quem sabe!

EPIFÂNIO Pois mata-se duma cajadada dois coelhos... já que somos felizes no amor também a sorte nos não abandonará noutras passagens mais difíceis... Vamos falar ao ministro...

JOSEZINHO SOARES Além anda ele com a D. Sabina pelo braço, vão direitos ao toucador...

EPIFÂNIO É verdade... Agora muito olho... Vem daí... (*Seguem de longe os movimentos do ministro, a quem não perdem de vista.*)

CENA IV

D. MARIA, DOUTOR FINO e PADRE CORREIA.

D. MARIA (*sentada no sofá ao lado do DOUTOR FINO; defronte o PADRE CORREIA*) Não me sinto lá muito bem, doutor...

DOUTOR FINO Cansaço natural em quem tanta energia despende... e também, talvez, resultado das comoções de uma noite de tão soberba festa...

D. MARIA (*para os dois*) Acham que tudo correu bem?...

DOUTOR FINO Esplendorosamente...

PADRE CORREIA Prodigiosamente...

D. MARIA Ai!... E o que isto custa!... (*Risonha.*) Estou quase em repetir o que disseram umas vizinhas nossas, quando eu era pequena, que convidaram a minha mãe a tomar chá: «Gastámos oito tostões mas demos um chá como se devia dar a D. Antónia...»

DOUTOR FINO Tem graça...

PADRE CORREIA Sempre graciosa...

D. MARIA Mas este não custou só oito tostões!

DOUTOR FINO Excedeu porém o que merecia D. Antónia...

PADRE CORREIA Decerto.

D. MARIA E o ministro, por onde andaré ele! Tenho tanta precisão de lhe falar!...

DOUTOR FINO Aí vem Sua Ex.^a dando o braço a D. Sabina...

D. MARIA Sabina, a minha nora?...

DOUTOR FINO E que formosa e elegante está...

D. MARIA Aqueles vestidos de fora, que custam rios de dinheiro, sempre hão de enfeitar...

PADRE CORREIA Em assuntos tão sumamente profanos declaro-me incompetentíssimo, mas sempre direi que a meu ver D. Sabina veste que nem uma princesa...

DOUTOR FINO (*entusiasmado*) Com que donaire pisa!... Seu porte é nobilíssimo...

D. MARIA (*venenosa*) Pois a família a que pertence não é das mais limpas, segundo me consta, embora o Júlio diga que é filha do Sol e neta da Lua...

DOUTOR FINO Ninguém o suspeitaria...

D. MARIA (*exasperada*) Filha dum boticário alemão que fez bancarrota no Brasil e neta duma francesa que lá foi procurar a fortuna que buscam as mulheres que andam sozinhas.... saibam então!...

PADRE CORREIA O mundo é só de aparências!...

D. MARIA Princesa ou não, tem deixado a pobre sogra carregar com todo este trabalho e o caso é que me sinto desfalecer... Mas aí vem o ministro...

CENA V

Os mesmos, o MINISTRO e SABINA.

MINISTRO (*entra dando o braço a SABINA e para diante da talha de porcelana*) Que admirável exemplar da indústria oriental, minha Ex.^{ma} Senhora...

SABINA (*surpreendida*) V. Ex.^a interessa-se por coisas de arte?...

MINISTRO (*sublime*) A que ramo da atividade humana poderão ser indiferentes aqueles que têm a seu cargo dirigir os povos!...

SABINA Pois aqui se lhe oferece a V. Ex.^a ocasião de contemplar um espécimen talvez único...

MINISTRO (*distráido*) É obra antiga?

SABINA É uma talha da China da melhor época, dessas que serviram de modelo à fabricação japonesa... e do Japão foi trazida por um antepassado do meu marido que lá acompanhou S. Francisco Xavier e Fernão Mendes Pinto...

MINISTRO (*enfático*) Mendes Pinto, o grande vice-rei da Índia...

SABINA (*sorrindo*) Não!... Fernão mentes? minto...

MINISTRO (*soberbo*) As glórias do passado lusitano são muitas, muitíssimas... (*Reparando em D. MARIA.*) Se V. Ex.^a me permite, irei cumprimentar sua excelentíssima sogra pelo êxito da sua festa...

SABINA Pois não... (*Dirigem-se a D. MARIA, diante de quem o MINISTRO se inclina cerimonioso.*)

MINISTRO Baile encantador, Ex.^{ma} Senhora... deslumbrante festa: eu nada vi ainda que a superasse em gosto e brilho...

D. MARIA (*atalhando*) Favores, Sr. Conselheiro, favores que V. Ex.^a generosamente me abona... (*Desfechando, intrépida.*) Na província nada se faz de jeito e tudo custa os cabelos da cabeça... E o pior é ter de mandar buscar a Lisboa as coisas mais indispensáveis. Para que é dizer mais? Até a carne de vaca... Aqui só temos açougue duas vezes na semana...

MINISTRO Mas em casa de... os banquetes escurecem a memória dos de Lucullus!

D. MARIA Talvez... Este ano as criações deram muito, sobretudo os perus...

MINISTRO E tem V. Ex.^a a colaborar nas maravilhas do seu palácio, verdadeiro palácio encantado (*designando* SABINA), esta outra fada...

SABINA V. Ex.^a acredita em fadas? Pois esta fada nenhum préstimo tem e saiba V. Ex.^a que minha sogra tão rija está ainda que não confia, seja a quem for, os mínimos detalhes do governo de sua casa... Já V. Ex.^a vê que se encantos há de minha sogra vêm...

MINISTRO Mas delega em V. Ex.^a o encargo de atender em boa parte às honras da casa. E ainda bem que não precisa de V. Ex.^a para a direção dos negócios domésticos, pois decerto a sua ausência lhe seria duplamente penosa...

D. MARIA Então?...

MINISTRO Sim, é de esperar que o nosso Júlio tenha muito em breve de abrir nalguma capital estrangeira os salões duma embaixada, como compete aos seus merecimentos e posição social... Porque, mercê de Deus, não demorará decerto muitos meses a sua nomeação para um alto posto diplomático... E logo necessitará que a presença da esposa lhe realce o brilho...

D. MARIA Ah! Sr. Conselheiro... todo o meu temor é que essa vida no estrangeiro não vá sair extremamente cara...

MINISTRO Dispondo dos recursos que certamente a fortuna de V. Ex.^a lhe proporcionará, pode o nosso Júlio ombrear em fausto com os próprios príncipes...

D. MARIA Ah! Sr. Conselheiro, a minha fortuna! Misérias; no fundo verdadeira insignificância... O que é que dão as propriedades?... Então as minhas que tão altas andam nas matrizes. E a esse respeito muito eu desejava conversar com V. Ex.^a. Não seria possível transferir este demónio do escrivão de Fazenda e mandar-me para aqui outro mais brandinho e que me seja mais favorável?...

MINISTRO V. Ex.^a será obedecida!...

D. MARIA E antes de V. Ex.^a partir sempre tencionei fazer-lhe uma súplica. Não seria fácil também ordenar a restituição de um terço das contribuições relativas aos quatro últimos anos das minhas herdades de Bensafrim, que nada produziram graças à estiagem?...

MINISTRO Tenha V. Ex.^a a certeza de que ficará a meu cuidado encontrar pronta solução a esse negócio.

D. MARIA V. Ex.^a é tão amável!... Tenho também pendente da Relação de Lisboa um pleito com a Ordem Terceira no qual toda a justiça me assiste... Ora um ministro tudo pode e querendo V. Ex.^a era-lhe tão fácil influir nos juizes para que justiça me seja feita...

MINISTRO E justiça lhe será feita, minha Ex.^{ma} Senhora...

D. MARIA Realmente receio abusar... mas o que há de fazer a gente pobre senão valer-se dos que podem e sobretudo para uma obra meritória, uma verdadeira obra de caridade... Na província há escassos recursos! Tenho uns poucos de criados velhos e inválidos, que nasceram na minha casa, e desejava metê-los nalgum desses grandes asilos que há na capital!...

MINISTRO E porque não, Ex.^{ma} Senhora!...

D. MARIA Pois já agora que V. Ex.^a se mostra tão sumamente condescendente irei até final no meu rol de pretensões. Tenho também uns afilhados que toda a ambição é serem empregados no Caminho de Ferro, tão depressa inaugurem aqui a estação. Consta-me até que se têm feito empregados muito antes da inauguração... Para isso bastava, que eu bem o sei, V. Ex.^a abrir a boca... Isso... e sendo possível também um passe para o meu Júlio, que anda sempre no caminho de Lisboa... Para mim nada quero...

CENA VI

Os mesmos e JÚLIO.

JÚLIO (*que se aproxima a tempo de ouvir as últimas frases de D. MARIA*) Ora, minha mãe, não seque o Sr. Conselheiro com bagatelas...

D. MARIA Bagatelas! Mas na primeira classe a passagem custa 7\$500...

SABINA Uma ruína...

D. MARIA Para quem não deseja morrer no hospital...

DOUTOR FINO Se V. Ex.^a me permite observar-lhe-ei que muita gente riquíssima vai morrer aos hospitais e há mesmo doenças que só nos hospitais poderão ser tratadas convenientemente...

MINISTRO Muito de acordo, doutor...

D. MARIA Assim será, mas Deus me livre de tal fim... (*Subitamente ansiosa.*) Não sei o que tenho, sinto uma fraqueza tão grande...

DOUTOR FINO Então?!...

MINISTRO Cansada, talvez...

D. MARIA Uma grande fraqueza, sim... aqui... (*Apona o estômago.*)

DOUTOR FINO Cansaço, como diz com grande acerto o Ex.^{mo} Sr. Conselheiro, além disso debilidade, porque no hábito em que V. Ex.^a está de não comer de noite...

D. MARIA (*prontamente*) De grandes ceias estão as sepulturas cheias, doutor!...

DOUTOR FINO Em dias ordinários convém a V. Ex.^a guardar o seu regime habitual, mas não há regra sem exceção; isto é já fora de horas para V. Ex.^a. Convinha-lhe tomar um caldo e deitar-se depois...

D. MARIA Deitar-me... já? É coisa que eu não faria... Até me poder mexer serei na minha casa a última pessoa que vá para a cama. Tenho muito medo de fogo e de ladrões. Para dormir descansada é preciso verificar se todas as portas estão bem fechadas e se apagaram todas as luzes... Mas sigo o seu conselho, doutor, e se o Sr. Conselheiro me dá licença, vou tomar um caldo... (*Levanta-se.*)

MINISTRO Se V. Ex.^a se quer servir do meu braço, acompanhá-la-ei à sala de jantar...

D. MARIA Não vale a pena incomodar-se, mil vezes obrigada... Irei com o meu filho. Não devo privar os meus hóspedes nem um momento do prazer e da honra que certamente lhes dá a presença de V. Ex.^a... (*Toma o braço do filho.*) Levo comigo o doutor e o Sr. Padre Correia, a quem tenho de fazer uma consulta...

DOUTOR FINO e PADRE CORREIA (*em coro e tom despeitado*) Criado de V. Ex.^a...

D. MARIA (*afastando-se seguida do DOUTOR FINO e PADRE CORREIA*) Até já... (*Saem pela porta do fundo.*)

CENA VII

SABINA e o MINISTRO.

SABINA (*sentando-se no sofá*) V. Ex.^a não está cansado de ouvir tanta pretensão a pé firme?...

MINISTRO (*sentando-se ao lado de SABINA*) Mas ainda não ouvi as ordens de V. Ex.^a, que são as que verdadeiramente me interessam...

SABINA (*com afetada surpresa*) As minhas ordens?...

MINISTRO Sim, as ordens de V. Ex.^a... O que é que V. Ex.^a prefere, Viena ou Berlim? É-me igualmente fácil dar ao marido de V. Ex.^a qualquer

destes postos. Por desgraça não há na capital colocação alguma, digna dos merecimentos de V. Ex.^a, que me proporcionasse o gosto de a servir mais de perto...

SABINA Nem eu sei... V. Ex.^a é tão amável! Pensando bem, Lisboa seria talvez preferível a tudo...

MINISTRO Que honra para o nosso país, minha Ex.^{ma} Senhora!

SABINA Eu deixo a meu marido a liberdade da escolha, sem nunca esquecer decerto a benevolência que V. Ex.^a me dispensa... (*Olhando para EPIFÂNIO e JOSEZINHO SOARES, que se aproximavam dissimuladamente.*) Que desejarão aqueles senhores?

MINISTRO Também os estou observando há já alguns instantes com certa curiosidade. (*Sublinhando.*) Parecem espreitar-nos, D. Sabina...

SABINA Não têm malícia para tanto... Mas vejo que nos procuram e ainda bem. V. Ex.^a nada perde em os conhecer... são duas preciosas criaturas...

CENA VIII

Os mesmos, EPIFÂNIO e JOSEZINHO SOARES.

EPIFÂNIO (*trazendo o JOSEZINHO SOARES pela mão, estaca em frente do MINISTRO, que se levanta apurado*) Eu sou o Epifânio Justo de Castro e Pina...

MINISTRO (*inclina a cabeça e sorri cerimonioso*)...

EPIFÂNIO V. Ex.^a conhece o general reformado Zeferino Tibúrcio Peres de Gusmão?...

MINISTRO (*com gesto indeciso e nova mesura*)...

EPIFÂNIO Pois é meu primo...

MINISTRO (*sempre silencioso, inclina a cabeça novamente*)...

EPIFÂNIO V. Ex.^a esteve em Boliquireime e viu, decerto, umas meninas muito bonitas que lá há, as meninas Seabras?...

MINISTRO (*com gesto de assentimento*)...

EPIFÂNIO Pois são minhas primas...

MINISTRO (*inclinando-se profundamente com intenção galante*)...

EPIFÂNIO (*voltando-se para o JOSEZINHO SOARES, que se pusera por detrás dele*) Ó Zezinho Soares... (*Toma-lhe a mão e puxa-o para diante do MINISTRO.*) Tenho a subida honra de apresentar a V. Ex.^a o meu nobre amigo Josezinho Soares...

MINISTRO (*mesurando com reverência*)...

EPIFÂNIO (*sem largar a mão de JOSEZINHO SOARES*) Não queremos roubar mais tempo a V. Ex.^a... Somos os humildes criados de V. Ex.^a... (*Recua, levando sempre o JOSEZINHO SOARES pela mão.*) Recebemos as apreciáveis ordens de V. Ex.^a... (*Saem pela porta do fundo.*)

CENA IX

SABINA e o MINISTRO.

MINISTRO São completos!...

SABINA Inexcedíveis!... V. Ex.^a ficou assombrado...

MINISTRO Pasmado, atónito...

SABINA No entanto é ele, o Sr. Epifânio Justo de Castro e Pina, um dos mais dedicados partidários de V. Ex.^a, pronto, sempre, em todas as eleições, aos máximos sacrifícios para que vingue a boa causa...

MINISTRO (*surpreendido e sincero*) Como assim? E V. Ex.^a teve a crueldade de me não prevenir!...

SABINA Não me ocorreu...

MINISTRO (*inquieto, mas enfático*) É que me parece não ter sido tão atencioso, como cumpria, com esse amigo devotado, embora anónimo...

SABINA V. Ex.^a permaneceu silencioso, o que se presta a todas as interpretações, ainda as mais lisonjeiras...

MINISTRO E ele dispõe de muita influência?...

SABINA Nenhuma... absolutamente. Um simples galopim...

MINISTRO Sossego... Que os galopins também têm seu merecimento e não pequeno, mas são, com efeito, matéria desprezível... Mal imagina V. Ex.^a o peso que me tirou da consciência...

SABINA (*irónica*) Eu julgava que um grande ministro tinha a consciência mais larga...

MINISTRO (*armando em monumento*) A minha ambição seria passar à história entre os homens de Estado ilustres pela consciência...

SABINA V. Ex.^a imortalizar-se-á igualmente pela inteligência...

MINISTRO (*com ingenuidade*) Ah! D. Sabina, como é doce sentirmo-nos compreendidos por uma mulher que junta aos mais raros dotes da beleza física tal agudeza de espírito!...

SABINA (*bocejando*) V. Ex.^a confunde-me... (*Olhando através da porta do salão.*) Parece-me que nos deixaram inteiramente sós... (*Levantando-se e indo à porta do salão.*) Está deserto...

MINISTRO (*que a seguiu*) É que já não é cedo... e desgraçadamente os negócios sérios reclamam-me... (*Escultural.*) Os negócios do Estado, D. Sabina...

SABINA Pois V. Ex.^a ainda trabalha esta noite?

MINISTRO Decerto, Ex.^{ma} Senhora... A minha missão não me consente gozar tranquilo as delícias de Cápua. Parte do meu correio será expedido ainda esta noite...

SABINA Que prodigiosa capacidade de trabalho!...

MINISTRO E por onde se sumiria o meu secretário!

SABINA Meu marido aí vem e talvez possa satisfazer a curiosidade de V. Ex.^a

CENA X

Os mesmos e JÚLIO.

JÚLIO (*entrando pela porta do salão*) O que deseja o Conselheiro?...

MINISTRO O meu secretário, se é que escapou à voragem das valsas!...

SABINA E valsa na perfeição.

JÚLIO Deixei-o agora mesmo, em conferência com o governador civil, no aposento de V. Ex.^a, Conselheiro...

MINISTRO Então, se V. Ex.^a me permite, D. Sabina, vou ter com eles...

SABINA Boa noite, Conselheiro, durma bem e não sonhe com as primas Seabras...

MINISTRO (*romântico*) Ah! Minha senhora, se alguma imagem feminina viesse perturbar o meu sono não seria, decerto, a das primas Seabras... (*Bruscamente.*) Muito boa noite...

JÚLIO Até já... (*Saem pelo salão.*)

CENA XI

SABINA, só.

SABINA (*fechando a porta do salão*) Meu Deus, que havia ministros parvos já eu o sabia, mas da força deste!... Até me envergonha supor que da sua «magnanimidade» dependeria o meu bem-estar... O quê?... Mas o que me pode ele fazer que tenha valia!... Não, não... desviemos o pensamento de semelhante criatura. Além de tudo o mais, inspira-me não sei que invencível repugnância física e entra assim na categoria dos intoleráveis... mesmo para a gratidão gratuita... O desfecho obrigado, já o vejo, é muito outro e ainda esta noite resolveremos... (*Pausa.*) O Júlio!... Se os olhos dos outros homens me seguiam gulosos, de todos os cantos da sala, os dele comiam-me, literalmente, comiam-me... É que eu, na verdade, estou hoje prodigiosamente linda... (*Vai direita ao espelho.*) Devo à mistura de sangue tão diversos que me giram nas veias os predicados mais peregrinos: o viço imarcescível da minha tez, esta polpa de jasmim que me cobre os ombros, a ideal flexibilidade da minha cinta e a rigidez inviolável destes agudos seios... E agora até sinto na boca dentes de canibal... lembrança de algum avô caboclo... (*Mirando-se e remirando-se ao espelho.*) Como é graciosa a ondulação que inverte a linha dos seios na curva dos quadris... O que pensará o grande ministro de tudo isso? (*Rindo.*) Não pensa coisa nenhuma. Estou a ouvi-lo, padiscálico, ao secretário: Para mim, mulher sem buço não diz nada... (*Pausa.*) O Júlio!... Presumo que o grande ministro lhe causava ciúmes... O Júlio!... Pois sempre será ele o meu Perseu... à força... Nem eu sei como se demora tanto. O meu corpo, agora, baila-lhe na memória, como a visão do Paraíso... Ah! Ele aí vem...

CENA XII

A mesma e JÚLIO.

(JÚLIO, *que entra pela porta do fundo, vai devagarinho aproximando-se dela até lhe poisar os lábios na nuca.*)

SABINA (*sem se voltar*) Porque tardaste tanto?... Outro, dá-me outro beijo... outro, aqui (*volta-se*) na boca... (*Beijam-se.*) Agora anda cá. (*Trá-lo pela mão até ao sofá.*) Senta-te ao meu lado, bem ao pé de mim... (*Sentam-se.*)

JÚLIO (*tomando-lhe as mãos e olhando-a fixamente*) Como estás formosa!...

SABINA Mais do que nunca?...

JÚLIO Não sei... Estás adorável como sempre... Eu pergunto a mim mesmo porque mereci a glória de te possuir, de me embeber na ternura do teu olhar, de colher os teus beijos, de sequestrar o tesouro de delícias que é o teu corpo...

SABINA O teu lirismo penetra-me; dize-me coisas que acariciem como plumas, roça-me pelo coração o arminho das tuas palavras...

JÚLIO Ó minha divina amiga! Eu não conheço linguagem alguma que seja digna de ti; para incensar a tua alma urgia descobrir vocábulos ainda não poluídos por lábios humanos ou inventá-los tão límpidos que lhe refletissem a luz como diamantes, ou tão capitosos e suaves que a adormecessem e a embalsassem e a impregnassem de perfumes nunca hauridos...

SABINA E estás contente?...

JÚLIO Contente, eu?!... Pois que mais posso ambicionar, tendo-te a ti ao meu lado, tocando as tuas mãos, escutando a tua voz, mergulhando no teu olhar... Se alguma nuvem passa por este céu embevecedor é sempre e unicamente o receio de te perder, mas logo penso que para te recuperar sofreria todos os martírios, arrostaria com todos os perigos, cometeria todos os crimes...

SABINA Já me disseste isso mais de uma vez...

JÚLIO Pois repito-o ainda, sempre... todos os crimes...

SABINA (*acentuando*) Todos?...

JÚLIO (*solene, convicto*) Todos...

SABINA (*subitamente fria*) Não desvaries... Olha, conversemos um pouco da nossa vida, conversemos a sangue-frio, burguesamente, como quem deve cuidar no pão de cada dia...

JÚLIO (*suplicando*) Deixa isso para amanhã...

SABINA Amanhã?... Quando a ocasião nunca poderia ser tão azada como agora, quando o tempo urge e se trata de concertar o plano essencial à segurança do nosso futuro...

JÚLIO (*querendo atraí-la a si*) É que eu sinto-me arder em desejo...

SABINA (*repelindo-o brandamente*) Não... Troquemos as nossas impressões... Tu bem sabes que o ministro sai amanhã...

JÚLIO Devia ele ir ainda esta noite... Tenho positivamente esse insuportável ministro atravessado na minha garganta e se o visse pelas costas...

SABINA Mas, filho, sê sensato... Todo este enorme trabalho de o trazer aqui, tanto incómodo e tanta despesa, como diz tua mãe, tudo foi para alcançar dele alguma solução positiva a bem do teu futuro...

JÚLIO Pois isso não está já liquidado, não prometeu ele fazer-me secretário de embaixada?...

SABINA Prometeu e até deixou à minha escolha a capital que preferíssemos... Mas vamos ao que importa: dá isso para viver?...

JÚLIO É ponto muito espinhoso e difícil de resolver... Deixa...

SABINA Não deixo nada... preciso saber ao certo o que pensas...

JÚLIO (*conformado*) Então escuta. Em Portugal não há emprego que dê para comer: há empregos. Um para o almoço, outro para o jantar, outro para a merenda, outro para os charutos, outro para pôr os meninos no

estudo, outro para ter carruagem, etc. É juntando muitos e muitos empregos que se consegue viver com decência. Lembra-te que neste país o secretário particular de El-Rei cobra 20 libras mensais e ao câmbio fixo de 4500... Secretário de embaixada é excelente pretexto para gastar e gastar muito...

SABINA Gostar o quê?...

JÚLIO (*encolhendo os ombros*) ?!...

SABINA Aquilo que a tua mãe nos der?...

JÚLIO A mãe?... A mãe há de querer que da embaixada onde nos colocarem lhe enviemos ovos, galinhas, sementes de hortaliça, a pretexto de que lá não custam nada e podem vir de graça no correio diplomático...

SABINA Ora ainda bem... Folgo de te ver pesando a situação pelo que ela vale... Mas então, repito, para que foi toda esta faina e tanta despesa, como ela diz?...

JÚLIO Eu sei lá, filha, eu sei lá... Por mim estou resignado e prefiro viver obscuramente e sem nada, a...

SABINA (*impetuosa*) Júlio, tu não tens piedade... Aqui, comigo... Mas tu não pensas, nunca pensas na minha escravidão, no meu martírio...

JÚLIO Perdoa...

SABINA Não, mil vezes não... É preciso que duma vez para sempre te convenças de que é impossível continuar a existência que me preparaste: odiada, insultada, ludibriada...

JÚLIO Ó minha amiga!...

SABINA A tua cegueira é pavorosa, tanto mais que por voluntária se pode acoimar de perversamente egoísta... Eu já não falo desta miséria absoluta a que chegámos: a carência de tudo, tudo... daquilo mesmo que os mais necessitados gozam... É brincando que aludo à obrigação de

arranjar pelas minhas próprias mãos os vestidos velhos e não me aterroriza a certeza de nunca mais os ter novos; a vaidade da mulher que foi elegante esvai-se neste meio de estupidez e boçalidade... Mas do opróbrio da minha vida, da ironia ultrajante da gente que nos rodeia e vê em mim uma aventureira sinistra, causa da tua ruína, mas dos perpétuos insultos da tua mãe!... É humanamente possível continuar assim?...

JÚLIO A minha mãe na verdade é ferina...

SABINA E implacável... Hoje, então, estive mais odiosa do que nunca; para mim e... para ti. Pois não reparaste que quando se devia tratar de ti e só de ti, a cada instante ela interrompia o ministro para lhe propor mil extravagâncias indecentes por mesquinhas?...

JÚLIO Com efeito, é impossível ir mais longe na exibição da avareza...

SABINA Ora vê lá... Que ela me não poupe a mim... mas ao seu único filho, privá-lo do estritamente necessário, quando se não ouve falar nesta casa mais do que em contos de réis e chegada a ocasião de o poder servir sem desembolsar vintém ainda chamar a si as vantagens duma situação criada só para te favorecer...

JÚLIO É intratável, não há que duvidar!...

SABINA E devo eu sepultar-me nesta vida para sempre, sem esperança de alívio, torturada, escarnecida, aviltada!...

JÚLIO (*comovido*) Minha querida filha!...

SABINA E posso eu acreditar na sinceridade do teu amor quando te não vejo tentar qualquer esforço, buscar qualquer expediente que me arranque a semelhante martírio?...

JÚLIO Tens toda a razão... mas perdoa, minha amiguinha... Olha, eu sou ainda mais estúpido que egoísta; ando sempre à espera de qualquer acontecimento imprevisto e venturoso, dum acaso... dum milagre que nos salve...

SABINA Ó Júlio!... Isso não é estupidez... Tu levas a poesia até à aberração: milagres!... Já tivemos uma esperança positiva quando a tua mãe esteve às portas da morte...

JÚLIO (*enleado*) É facto... mas...

SABINA Não me interrompas agora... Já tivemos essa esperança e, o que foi pior, a quase certeza de ver desaparecer o único obstáculo à nossa felicidade... Eu bem sei que é tua mãe... Mãe! Mas o que tem ela de mãe além do nome? Confessa que, se lhe não desejaste a morte, a terias, pelo menos, visto morrer sem grande mágoa...

JÚLIO (*sincero*) Tu és como a minha consciência, Sabina... Porque o hei de negar?...

SABINA Vimo-la morta e julgámo-nos livres, poderosos, ricos, felizes; dispostos a viver a nossa ampla vida estética e generosa, a vida de quem é piedoso e inteligente e possui todos os elementos de a fruir... Vimo-nos às portas do Paraíso... Se poupámos palavras que revelassem tais impressões, os nossos olhos de sobejo as comunicavam...

JÚLIO É verdade... A morte pondo-lhe termo aos sofrimentos rasgava-nos um horizonte novo...

SABINA E dois dias depois da crise já ela acordava para perguntar se os caseiros não tinham trazido algum dinheiro, e dois dias mais já ela conferenciava com o seu procurador — que vergonha para ti! — em quem delegara no começo da doença o encargo de lhe cuidar das dívidas, declarando assim, publicamente, o próprio filho indigno ou incapaz de tais incumbências, e muito lucidamente lembrava-lhe que o Torcato Mendes prometera amortizar a dívida em 500 mil-réis ao reformar a letra de cinco contos vencida naquela data...

JÚLIO Que queres, a minha mãe só ama o dinheiro e para ele vive...

SABINA E agora a cada momento aí a temos lançando-nos em rosto o pão que comemos e a mim, particularmente, espicaçando-me com as

mais injuriosas alusões à minha suposta vida de esbanjamentos e, digo-te pela primeira vez, ao meu passado de imoralidade e devassidão...

JÚLIO Sabina... pois é possível!...

SABINA Se é possível!... Dias atrás ouvia-a dizendo ao Doutor Fino que ingenuamente encarecia a minha arte de valsar: aprendeu decerto em Paris naqueles bailes de cançã em que andava metida, naquelas orgias repugnantes aonde o meu pobre Júlio a foi desencantar...

JÚLIO Mas isso é infame!...

SABINA Não, isto não é infame: é natural, é lógico... A tua mãe é uma criatura enérgica, um carácter temperado como o aço, que não sofre obstáculos, perseguindo um ideal odioso mas ao qual seria capaz de sacrificar a humanidade inteira...

JÚLIO Acredito...

SABINA É uma alma antiga... Duzentos anos atrás denunciar-nos-ia à Inquisição, a ti e a mim, e não pouparia esforço algum para se desembaraçar de nós.

JÚLIO Também o creio...

SABINA A ideia de que a sua fortuna pode passar às nossas mãos mina-a como uma febre mortal, e, se não fosse a esperança nalgum cataclismo que a livrará de nós, sucumbiria... Mas essa esperança dá-lhe novos alentos... Ah! O terror da justiça, em cujo poder ela provincianamente acredita, juro-te, e mais nada, é que a impede de nos assassinar... Eu surpreendo-lhe a miúdo no olhar uma tão concentrada expressão de ódio, que tremo, não vá ela fiar do seu dinheiro a impunidade do crime que medita... Fala de ti com incalculável despego e desprezo e refere-se sem pejo às muitas vezes que tem pedido nas suas orações a Deus que te leve, preferindo ver-te morto de mil mortes ao desgosto de te saber pobre, arruinado, desgraçado e infamado pela união de uma mulher de má nota...

JÚLIO Ela diz isso!...

SABINA Só isso?... Mais, muito mais...

JÚLIO Minha pobre amiga, meu estremeado anjo, ao que eu te trouxe!...

SABINA Não, Júlio, não nos queixemos do nosso destino nem digamos mal da tua mãe: não vale perder palavras inutilmente. Eu, por mim, admiro-a tanto como a temo... Ela é forte, lógica, terrível, inexorável... E, mais perspicaz do que nós, pensa com certeza no ensejo de nos suprimir quando a ocasião se proporcione de o fazer ao abrigo de toda a suspeita...

JÚLIO É capaz disso...

SABINA Se é capaz!... Eu leio na sua alma como em livro aberto... E admiro-a, repito, com tanta força que esqueço às vezes o meu papel de vítima para a aplaudir... Nós somos indignos dela; nem resistimos, nem nos defendemos e andamos resignados e cabisbaixos como duas estúpidas reses destinadas ao matadouro...

JÚLIO Que queres! Eu sou um sensual, sem energia nem iniciativa... Na vida tudo me encanta e no encanto de viver tudo perdoo, tudo esqueço... Mas por ti, Sabina, crê, pois que de balde to tenho repetido, por ti acometeria todos os trabalhos, sofreria tratos de polé, e, o que é mais, venceria se a minha vitória te desse a felicidade...

SABINA Palavras!... Ah! Júlio, porque não herdaste tu a vontade da tua mãe e moço, arrojado, como seria fácil domá-la, ou... inutilizá-la se resistisse...

JÚLIO Nunca pensei como isso poderia ser, mas juro-te que se sugeres qualquer alvitre eficaz, fosse ele qual fosse, seguia-o...

SABINA Alvitre que algum risco oferecesse, ou que demandasse atividade e decisão e logo tu recuavas...

JÚLIO Não digas tal... Contigo ao lado como poderia esmorecer?... E depois, Sabina, eu não sou o covarde que tu imaginas...

SABINA Covarde bem sei que o não és, mas tímido, mas indeciso, débil, volúvel, contemporizador... Mas demos de barato que não és nada disto e estudemos a sério a situação... O único, exclusivo empeço — o único — ... a tua mãe... A situação é de tal modo simples!... Quantas vezes não tenho eu pensado se não haveria meio de a dar por interdita, mas tem tudo tão bem montado e as suas coisas em tão perfeita ordem!... Era necessário opor à sua a tua influência, se esta não fosse nula. Tu que ela acoima de perdulário é que facilmente ela daria por pródigo se ainda tivesses alguma fortuna...

JÚLIO Talvez...

SABINA Toda a gente a admira como administradora modelo: sagaz, empreendedora, inteligente... A todos cega a sua fortuna, e a sua avareza é ainda motivo de louvor, levada à conta de economia prudente... E dizer que essa criatura tão bem assente na vida, essa criatura nefasta, a tua mãe...

JÚLIO Sim, minha mãe, mas é... um...

SABINA Um monstro que nos sacrifica a mocidade, o futuro, a glória de exercer generosamente a nossa inteligência, à sua avareza sórdida... Um monstro que se compraz no espetáculo do nosso infortúnio e trabalha sem descanso para o tomar irremediável... Pois houve nunca maior, mais desumana crueldade, e isso de mãe para filho!...

JÚLIO É horrível...

SABINA Eu já vi situação análoga à nossa nalguma obra do teatro antigo... Isso deve fatalmente terminar em sangue, como as tragédias gregas... Ah! Júlio, se tu me estimasses como dizes...

JÚLIO Pois é possível amar uma mulher mais intensamente do que eu te amo a ti?!... Eu vivo para ti e só para ti... Se o meu amor toma aos teus olhos aparências de superficial é que mau grado o meu constante esforço a minha alma não consegue casar-se à tua misteriosa alma.

Sabina... Mas essa carne que eu idolatro tem eflúvios que me penetram melhor do que um filtro maravilhoso...

SABINA Ah! Se o teu amor fosse sincero, verdadeiro, incondicional!... Se nascesse das entranhas, se te varresse da memória todas as afeições, todos os preconceitos, todas as influências... se fosse exclusivo, indispensável, absorvente...

JÚLIO É tudo isso... é muito mais... Juro-te... juro-te...

SABINA Ah! Se assim fosse e se a tua razão se iluminasse exigindo a supressão daquele obstáculo; se a tua inteligência se abrisse à radiante perspectiva da liberdade, do infindo, incalculável gozo de caminharos pela existência fora como duas criaturas divinas, espalhando benefícios, socorrendo infortúnios, aliviando misérias, fomentando a ideia do belo, do justo; se obedecendo ao teu amor tu tomasses a resolução inabalável de me seguir ainda quando eu te levasse pela senda do crime; se tivesses ânimo para jurar: o que fizeres, Sabina, é bem feito...

JÚLIO Juro, juro pelo amor que te tenho...

SABINA É um crime como a sociedade o julga, mas a sociedade seria a primeira a fruir as úteis consequências do que ela assim chama... Às consequências dos fortes, às almas diamantinas que resplandecem acima da mesquinhez das convenções miseráveis ele impor-se-ia como um ato de suprema justiça.

JÚLIO Que ato?... Diz já...

SABINA E não te figures que correríamos o menor risco, nem que lhe causaríamos sofrimentos... Pouco antes de morrer, meu pai, que era um alemão ideólogo e fantástico, espécie de alquimista sonhando o niilismo platónico, deu-me a cadeia de ouro com os dois frascos que me acompanham sempre e te inspiram tanta curiosidade, obrigando-me a prometer que nunca me desfaria da corrente sem primeiro empregar o conteúdo de algum dos frascos. E acrescentou: nada mais precioso possuo, minha filha, do que esta corrente; num dos frascos encontrarás a morte fulminante: é a libertação;

o outro contém a morte lenta: é a vingança... Um desses frascos está com efeito cheio de ácido cianídrico; duas gotas bastarão para que a tua mãe desapareça sem dor nem agonia... E que médico haverá capaz de suspeitar de envenenamento a morte repentina que tão bem imita a apoplexia?...

JÚLIO Matar a minha mãe!... Sabina!...

SABINA A tua mãe!... O nosso carrasco, queres tu dizer... Mas quem a matava era eu...

JÚLIO (*levantando-se arrebatadamente*) Sabina!...

SABINA (*que também se levanta e o fixa de frente, estendendo-lhe as mãos*) Então, o que tens?...

JÚLIO (*recuando*) Não me toques!... Sinto a impressão de ver levantar-se-me debaixo dos pés uma víbora...

SABINA Júlio, deixa-te de farsas...

JÚLIO Não, mulher, não é farsa, é uma sufocação de horror, é um pasmo de te haver escutado tanto tempo sem te presentir a infâmia, é uma alucinação, um remoinho infernal, é a demência...

SABINA Pobre Júlio!

JÚLIO Eu não quero inspirar piedade, mulher... pois tu não avalias o que há de abominável no teu projeto, pois tu não sabes que à mais abjeta das mães o filho está ligado pelo dever e pelo sangue...

SABINA Entras no melodrama...

JÚLIO Entro na tragédia ignóbil... Ah! Ninguém pode imaginar quanto eu soffro... Meu Deus, meu Deus!... (*Cai no sofá e esconde o rosto nas mãos.*)

SABINA Pobre Júlio... (*Impiedosa e colérica.*) Desgraçado insignificante... Coração de trapos, alma indigna da minha... Como foi possível que eu te

aceitasse por companheiro, a ti criatura vil, e inerte e mole e pegajosa... Os teus sentimentos chocam os meus como um vidro arremessado contra o bronze... Mas estimei-te eu algum dia? Tive-te eu alguma vez por digno de gozar esta carne que tão ignominiosamente te prostituí?... Esta carne que não tem rival no mundo, estes braços (*adianta-se para o espelho despedaçando o corpo do vestido e descobrindo o peito*), estes seios, esta boca, estes cabelos reais, todo este incomparável corpo venusto. Mas como recompensas tu um gozo que os príncipes comprariam a troco do seu poder e dos seus tesouros e os poetas a troco da sua glória. Ah! imbecil que eu sou! Isto paga-se, Sr. Júlio Freire; estas delícias vendem-se não só a troco de felicidades e sacrifícios de fortuna, honra, glória, mas por uma cega adoração e uma cega obediência. Não julgues que eu sou mulher que se possa impunemente imolar a uma velha megera cuja vida tenho na conta de nada... a essa criatura... (JÚLIO *levanta-se e vai direito à porta do salão onde D. MARIA aparece e vem soprando as velas das serpentinhas. Sabina adianta-se na mesma direção do marido.*)

CENA XIII

Os mesmos e D. MARIA.

D. MARIA (*no salão*) Estes malditos criados... Todas as luzes ainda acesas e ninguém lhe importa que se gastem as velas... (*Vai apagando as luzes.*)

SABINA (*no toucador*) A essa criatura que eu hei de estrangular com as minhas próprias mãos, que não são as mãos frágeis que tu fingias adorar...

JÚLIO (*faz o gesto de a repelir horrorizado, abre a porta, sai arrebatadamente e, dando de encontro a D. MARIA, que cai numa poltrona, lança-se-lhe aos pés, gritando*) Ó minha mãe, minha querida mãe!...

D. MARIA (*surpreendida e assustada e desconfiada*) O que é isso, Júlio, o que sucedeu, que desgraça foi... partiram a talha da China?...

JÚLIO (*soluçando*) Ó minha mãe, minha mãe!...

Desce o pano.

TERCEIRO ATO

O mesmo cenário do primeiro ato.

CENA I

D. MARIA e o PROCURADOR FERREIRA, *sentados.*

D. MARIA O que se passou não sei ao certo, mas de então para cá o meu filho anda como doido e como doido deverá ser tratado... Ah! compadre Ferreira, que triste coisa é a mocidade!..

FERREIRA Mas todos por lá passámos, minha comadre...

D. MARIA Nem todos, compadre, nem todos... Eu não a tive...

FERREIRA Naturezas privilegiadas!...

D. MARIA Eu não a tive, nem procurei tê-la, compreendendo de muito nova como a vida é séria e se torna desgraçada e contingente quando a não assentamos em bases sólidas; esforcei-me sempre por não dar um passo irrefletido e gabo-me de o não ter dado... E é a leviandade a pecha

mais grave da gente moça... Veja o meu Júlio, veja as consequências do seu casamento!...

FERREIRA Mas até (*acentua*) à vinda do ministro vivia o casal tão unido!...

D. MARIA Ora aí está!... O vício existia, o vício tinha de manifestar-se. Pode o vício consumir-se por si, sem dar satisfação ao seu desejo?... Se não fosse o ministro...

FERREIRA Apre! Mas que ministro esse... Veio, viu e venceu...

D. MARIA Se não fosse com esse homem era com outro... Havia de chegar a ocasião... Que eu não sei nem me importa saber, se ele venceu... Naturalmente se não venceu foi porque não quis ou porque o meu desgraçado filho, já prevenido, lhe pôs obstáculos materiais... Repare que eu nada sei de positivo a esse respeito, mas o que há a esperar de uma mulher de má nota, indecentemente decotada, que leva a noite inteira agarrada ao braço de um homem que não é o seu marido, toda risonhinhos, segredinhos...

FERREIRA Sim, intenção havia...

D. MARIA Repito, não sei o que houve. Tudo isto são conjeturas, pois o meu filho nem responde quando lhe toco, mesmo muito ao de leve, no assunto... Mas depois dessa noite ele que já não andava bom da cabeça ensandeceu de todo e a minha ideia é esta: tratá-lo como doido...

FERREIRA Apoiado... muito apoiado...

D. MARIA O compadre que é meu procurador há mais de trinta anos sabe a fortuna que possuo, sabe o trabalho, os cuidados, as angústias por que passei para a conservar e mesmo aumentar... E é justo que a obra de tantas gerações, o fruto de tanto cálculo, de tantas privações e, digo-o também, de tanta inteligência, esteja à mercê de um louco, enfeitado por uma espécie de meretriz?...

FERREIRA Mas se o casal está desunido...

D. MARIA O meu Júlio é um espírito fraco; sempre o foi. Isto agora é passageiro e quando ela quiser tê-lo-á outra vez nas garras... Ora, compadre, eu endoideço só à presunção de que o meu belo dinheiro, as minhas ricas propriedades, tudo, tudo... chegue um dia às mãos daquela mulher...

FERREIRA Mas ouvi dizer que hoje mesmo se ia embora a Sr.^a D. Sabina...

D. MARIA Ir-se embora não é morrer... Assim como vai assim pode voltar!... E que não volte... Se eu um dia faltar não tem ela direito à sua parte, exigindo-a, se tanto for preciso, por meio do divórcio?...

FERREIRA Pois seria bom aproveitar as atuais disposições do marido e as circunstâncias que se deram para tratar desde já do divórcio.

D. MARIA Nisso penso e espero hoje mesmo entender-me a tal respeito com os meus conselheiros habituais, o Doutor Fino e o Padre Correia, e pedir-lhes que sondem o Júlio... Mas admitindo que se realize o divórcio, ainda os meus bens não de ir para o meu filho, um louco, um perdulário, um esbanjador, que faz versos a todas as mulheres, que nunca pôde ver uma burra de lenço sem se apaixonar... Ora isto é que eu quero que se evite; isto é que se há de a todo o transe evitar...

FERREIRA Mas como?...

D. MARIA Há leis para tudo, compadre, e eu desejava aproveitar a sua ida a Lisboa para se informar acerca do que mais convém fazer...

FERREIRA Nada mais simples... Consultam-se os bons advogados...

D. MARIA Esses advogados são de meter medo: levam coiro e cabelo... Devia haver, compadre, uma gazeta de jurisprudência que desse consultas gratuitas a toda a gente, assim no género da *Gazeta das Aldeias*... Mas não há... O mundo compõe-se de ociosos que (*acentuando com rancor*) comem e bebem, e de gente insaciável que para fazer qualquer coisa leva rios de dinheiro...

FERREIRA Mas em suma, minha boa comadre, neste caso sem advogados é que se não passa...

D. MARIA Pois sim, se outro meio não houver... Mas Lisboa é uma cidade muito grande onde os casos semelhantes ao meu decerto abundam, e, antes de recorrer aos advogados que esfolam a gente e ainda em cima nos enganam, eu queria que o meu compadre, mesmo que por lá se tivesse de demorar alguns dias, visse se descobria casos desses e soubesse o que têm feito as pessoas interessadas em deserdar a família, sem se desapossarem em vida de coisa alguma, bem entendido...

FERREIRA Ó minha comadre, não me faça mais parvo do que eu sou!... Bem entendido: essa é uma condição *sine qua non*... Mas acho a coisa tão intrincada!...

D. MARIA Não sei... Se for preciso... (*com doloroso esforço*) gaste-se dinheiro... Mas eu já li uma vez nos jornais a história dum sujeito que se entendeu com os jesuítas para se desembaraçar da filha e eles arranjaram tudo. Começaram por metê-la em Rilhafoles estando ela de perfeito juízo... Ora o meu desgraçado Júlio, que está doido varrido!...

FERREIRA Ah! Decerto, decerto...

D. MARIA E não podemos perder tempo. A minha nora vai-se embora e o coração não me adivinha nada de bom... O que irá ela maquirar!... É preciso aproveitar-lhe a ausência... Afortunadamente dá-se a coincidência de o compadre ir também a Lisboa...

FERREIRA Pois minha comadre, amanhã mesmo começarei as minhas diligências: confie na solicitude de quem tanto empenho põe sempre em servi-la...

D. MARIA Sim, compadre, tenho-o por um homem honrado e que não esquece os favores que lhe fazem...

FERREIRA E as obrigações que lhe devo, minha boa comadre, não têm número...

D. MARIA Não falemos agora nisso...

FERREIRA Hoje mesmo parto...

D. MARIA Pois vai no mesmo comboio da minha nora... Faça também por não a perder de vista e do que houver avise logo...

FERREIRA Fique certa disso, minha senhora. (*Consulta o relógio.*) Mas com licença da minha comadre retiro-me; ainda tenho passos a dar e vai-se fazendo tarde... (*Levanta-se.*)

D. MARIA Vá em boa hora, compadre. Deus o acompanhe. Eu rezarei à Nossa Senhora dos Aflitos, de quem sou tão devota, para que leve a bom fim essa obra de caridade...

FERREIRA Muito obrigado, minha comadre...

D. MARIA Até à vista...

FERREIRA Até à volta...

D. MARIA (*levantando-se*) O anjo da guarda o acompanhe... Adeus... (*Enquanto FERREIRA sai pela porta do fundo, D. MARIA examina com atenção o tremó e toca a companhia elétrica.*)

CENA II

D. MARIA e JOSEFINA.

JOSEFINA V. Ex.^a chamou?...

D. MARIA Sim... Sempre quero saber quem arranjou hoje esta casa, que está um chiqueiro... (*Passa o dedo pela pedra do tremó.*) O que se vê por todos os lados é pó.

JOSEFINA Devia ser a Francisca...

D. MARIA Pois diz-lhe que se não tiver mais cuidado a ponho no olho da rua... Não pense que por ter o pai entrevado a hei de aturar...

JOSEFINA V. Ex.^a não quer mais nada?

D. MARIA Sabes se o meu filho tem tomado algum alimento?

JOSEFINA Hoje nada tomou ainda...

D. MARIA E a minha nora sempre mandou falar ao trem?...

JOSEFINA Sim, minha senhora, para as três horas...

D. MARIA Bem... Se ela procurar por mim ou me quiser ver, diz-lhe que estou doente e não recebo ninguém...

JOSEFINA Sim, minha senhora...

D. MARIA Mas se vier o Doutor Fino e o Sr. Padre Correia, vai-me logo dizer: tenho de lhes falar...

JOSEFINA Sim, minha senhora...

D. MARIA E se o Sr. Epifânio e o Sr. Augusto César aparecerem não os despeças sem me avisar... (*Dirige-se à segunda porta de lado, que abre.*) Ouviste?...

JOSEFINA Sim, minha senhora... (D. MARIA *sai.*)

CENA III

JOSEFINA e logo JÚLIO.

JOSEFINA (*verificando que está só e voltando-se a fazer figas direito à porta por onde saiu* D. MARIA) Malvada velha!... Quem te visse estoirar... Tu é que és a culpada das desgraças desta casa... Ah! Que inveja tenho

da nora... se eu pudesse ir com ela! E o filho, que dó me dá... Um rapaz tão lindo, tão bonzinho, que sabe tantos versos...

JÚLIO (*entreabrindo a primeira porta da esquerda*) Josefina...

JOSEFINA O Sr. Júlio...

JÚLIO (*entrando*) Josefina... quero pedir-te um favor...

JOSEFINA Favores?... A mim, Sr. Júlio...

JÚLIO Sim... A minha mulher vai-se hoje embora... Queria que se tu a visses aqui sozinha me fosses avisar... Preciso estar com ela antes de partir... Mas não lhe digas nada...

JOSEFINA Esteja V. Ex.^a descansado, que isso fica ao meu cuidado... E mais nada?...

JÚLIO Não...

JOSEFINA (*carinhosa*) Então V. Ex.^a não quer que lhe traga alguma coisa de comer?...

JÚLIO (*impaciente*) Não, deixa-me... Lembra-te do que te pedi...

JOSEFINA Então vou-me embora?...

JÚLIO Sim... (JOSEFINA *sai pela porta do fundo, esquerda.*)

CENA IV

JÚLIO, *só.*

JÚLIO Os meus nervos não resistem a semelhante lance... Sinto que a razão mal se me equilibra já na misteriosa aresta que separa da loucura... Que profundo golpe, meu Deus, e como estalou subitamente

no meu cérebro o horror da sua alma... Sabina, o meu anjo da Ventura, a vitória alada dos meus sonhos de poeta, a glória da minha vida!... Mas a mais dura prova ainda a não passei... Eu precipitei-me no fundo dum poço donde só enxergo a nesga do céu que o gargalo abrange mas onde por acaso poisa a constelação mais linda... Os seus olhos! Como poderei esquecê-los nunca... Sabina! E porque é que a lembrança da sua alma me causa tamanho horror? Porque eu a criara à imagem da minha... Ah! Que cegueira estulta!... Pois eu não sentia que a sua alma me era impenetrável... E julgava eu exaurir-lhe as tenebrosas melancolias com os meus beijos ardentes, e imaginava eu perseguir através dos seus lábios os devaneios do seu coração, e quando, silencioso, estreitava de encontro ao meu peito a rigidez tão suave das ondulações do seu maravilhoso corpo, supunha eu que despenhando-me nos seus olhos ia embalar a sua alma nas carícias da minha... Perdê-la!... Os seus braços que na atrocíssima escuridão das minhas noites se encurvam direito a mim, brancos e prateados como dois crescentes de Lua... Perdê-la sem mesmo a disputar ao destino... Toda a esperança se me murchou na alma!... *(Pausa.)* Estúpidas canseiras, vida estúpida, vida inútil, sem guia, sem fito, sem bússola, sem estrela: o que é que isto vale?... E se custará muito deixar tudo isto... Ah! Mas eu vejo a vida entumecer de seiva a curva dos seus seios... Ai de mim, ai de mim... Eu vejo a vida acetinar-lhe a pele dos seus braços, arredondar-lhe os quadris, polir-lhe entre os lábios as pérolas dos dentes, derramar sobre o mármore dos seus ombros a luminosa cascata dos seus cabelos... Ai de mim, ai de mim... Mas vê-la... Vê-la ainda uma vez e se ainda fosse possível beijá-la como dantes, sentir no meu peito o calor da sua carne, e no meu rosto o perfume do seu hálito... Desvario... *(Ouve-se a campainha.)* Vêm visitas: a quadrilha... Vêm gozar o espetáculo do meu infortúnio... Pois não será assim, não quero ver ninguém... *(Sai pela porta por onde entrou.)*

CENA V

DOUTOR FINO e o PADRE CORREIA e no fim JOSEFINA.

DOUTOR FINO *(entrando acompanhado pelo PADRE CORREIA)* Espere-mos aqui... Pois que D. Maria tanta urgência tem de nos falar, é natural que se avie pronto...

PADRE CORREIA Pois esperemos, já agora o dia está perdido...

DOUTOR FINO Perdido, entendamo-nos... Perdido para quem faz vida de passear, mas para um infeliz médico, com mais de vinte doentes a visitar, não está perdido... está ainda muito longe de ser ganho...

PADRE CORREIA Deixemos vir a tarde e melhor fará as suas visitas, doutor. O tempo começa a aquecer; já não apetece sair de casa antes do sol-posto. Eu com o calor não me entendo: sofro de insónias, ando nervoso...

DOUTOR FINO Sim?... Calores da primavera, padre Correia, calores que levantam a seiva nas árvores e excitam os nervos da pobre humanidade, encandecendo-lhe o sangue...

PADRE CORREIA Má estação, doutor; já sinto um artelho a pedir-me banhos de Caldas...

DOUTOR FINO (*malicioso*) E nada mais?...

PADRE CORREIA Pois que mais ainda?...

DOUTOR FINO Fervenças da carne... A primavera entra pelos velhos também e sacode as mais estafadas carcaças... E se assim sucede com a gente gasta, o que não será com a mocidade... Não admira que vá o demónio nesta casa com dois meninos da força do nosso Júlio e da sua Sabina...

PADRE CORREIA Ah! Essa senhora D. Sabina!...

DOUTOR FINO É mulher como ainda não vi igual nem julgava que houvesse... Sempre me há de lembrar a noite do baile: com que garbo se bamboleava nos quadris! Francamente, padre amigo, não é fêmea para o nosso Júlio...

PADRE CORREIA Mulher lasciva...

DOUTOR FINO Ardente...

PADRE CORREIA Abrasadora...

DOUTOR FINO Vulcânica...

PADRE CORREIA E pode-se dizer: desbragada desde que a vimos pelo braço do ministro, tão dengosa...

DOUTOR FINO Ora, Padre Correia, sejamos indulgentes... Quem é que resiste aos encantos de um ministro todo-poderoso?...

PADRE CORREIA O qual goza justa fama de imoral, useiro e vezeiro em seduzir mulheres casadas...

DOUTOR FINO E das finas... só das finas...

PADRE CORREIA Não, que havia de ser frascário de fregonas...

DOUTOR FINO De tudo se compõe a vinha do Senhor.

PADRE CORREIA Boa veio ele cá fazer!

DOUTOR FINO Então o padre amigo suspeita que a revolução que agita esta casa seja obra do assolador ministro?

PADRE CORREIA Que sei eu... diz-se tanta coisa...

DOUTOR FINO Parece averiguado que D. Sabina parte hoje e vai sozinha...

PADRE CORREIA Isso é público e notório em toda a povoação... Não há nada estive com o «Joaquim dos Trens» e por ele próprio soube que tem ordem para a vir buscar às três horas...

DOUTOR FINO Mas, com efeito... esse ministro! É desde a noite do baile que o casal dorme separado...

PADRE CORREIA Dessa não sabia eu... Ai, razão de sobra tinha a minha ama!... Eu ia jurar que nessa mesma noite o Júlio os apanhou

nalguma franciscanada libidinosa... O que é certo é que ao Júlio ninguém mais lhe pôs a vista em cima...

DOUTOR FINO Sim, senhor... Nem a mim me quer ver... Parece preso de grandíssima exaltação: fala só, passeia no quarto as noites inteirinhas...

PADRE CORREIA Está claro que os apanhou com a boca na botija e não pode com o engulho... Sempre as mulheres são muito perspicazes, doutor... Veja como a minha ama mesmo sem sair de casa deu logo no 20... E a D. Sabina irá de todo?...

DOUTOR FINO Quê... Então assim se deixa para sempre um marido novo, inteligente, bem parecido e que há de herdar o melhor de dois mil contos?...

PADRE CORREIA Se são dois mil não sei, mas olhe que tardam... e tardarão...

DOUTOR FINO Também me parece...

JOSEFINA (*entre portas*) A senhora pede para V. Ex.^{as} irem lá dentro. (*Sai.*)

DOUTOR FINO Vamos, vamos já.

PADRE CORREIA Vamos lá. (*Saem pela porta do fundo, esquerda.*)

CENA VI

SABINA, só.

SABINA (*que entra, vestida de viagem, pela porta do fundo da direita*) Desgraçado Júlio... anda hamléptico... A minha lembrança tange-lhe na alma toda a lira romântica... Parece que fala sozinho, no quarto, as noites inteiras e de dia recita às criadas o *to be or not to be*... Quase me inspira dó... Dó... tédio... tédio mortal... Encontrá-lo assim tão inconsistente, arenoso, e em vez da arma que buscava sentir a mão cheia

de cinzas frias... Despeitou-me a ponto de me despegar completamente dele... Triste sorte foi a minha!... Mas ainda estamos a tempo de reparar o mal... Há no mundo tanta gente que me deseja; pois vamos ver se encontro alguém que me mereça... Ah! Quanto me tarda ver-me longe de tudo isto... correr o pano sobre toda esta miséria, esquecer semelhante pesadelo... Preciso sair daqui para desvanecer a alucinação em que ando, apertada no círculo das odiosas caras que me cercam escancarando direito a mim as bocas de gárgulas... Mas a velha, meu Deus... ir-me embora sem me vingar da velha! É o meu primeiro ato de cobardia... Ah! Se antes de partir, por um milagre que decerto a injustiça imanente das coisas impede, eu a tivesse agonizante entre estas mãos e lhe pudesse gritar aos ouvidos: vais morrer e sou eu quem te mato... O que essa criatura me fez sofrer!... Mas o ódio que me inspirou foi talvez a minha salvação... libertou-me, inspirando-me a ideia do seu castigo que tanto escandalizou o meu Hamlet... Pobre Júlio... *Monsieur* Desserves, a quem tontamente o preferi, espera-me já em Lisboa... São duas horas; antes das três, parto. Vou telegrafar-lhe. (*Senta-se à secretária e escreve; depois toca a campainha, lendo alto.*) «Parto esta noite. Esteja à minha espera na estação do Barreiro às seis da manhã...» É bom indicar a estação. Não me convém entrar em Lisboa sozinha.

CENA VII

SABINA e JOSEFINA.

SABINA (*para JOSEFINA, que entra*) Manda este telegrama à estação... Josefina, já sabes que parto esta tarde... Apenas chegue o trem diz ao António que venha buscar as malas que estão já prontas no meu quarto.

JOSEFINA Então V. Ex.^a sempre se vai embora?...

SABINA Sim...

JOSEFINA Sozinha?...

SABINA Decerto...

JOSEFINA Ah! Se a senhora me quisesse levar consigo!...

SABINA Comigo, rapariga... Então querias deixar os teus pais, toda a tua família, a tua terra, a tua boa ama...

JOSEFINA Tudo, deixava tudo para acompanhar a senhora por esse mundo fora. Dizem que há terras tão divertidas, tão lindas... Não é verdade que V. Ex.^a já esteve numa cidade muito grande onde toda a gente é rica?...

SABINA Que disparate, filha... Não penses nisso, que é pura mentira... (*Ouve-se repicar a sineta.*) Não ouves a campainha? São visitas... vai depressa e que mandem sem demora o telegrama à estação e que me tragam o recibo... (*Levanta-se e dirige-se à porta do fundo, direita.*)

CENA VIII

Os mesmos, EPIFÂNIO e AUGUSTO CÉSAR.

JOSEFINA (*encontrando EPIFÂNIO e AUGUSTO CÉSAR junto à porta do fundo, esquerda*) Tenham a bondade de esperar aqui um instante, que eu vou prevenir a senhora. (*Sai.*)

EPIFÂNIO Bons dias, Ex.^{ma} D. Sabina...

AUGUSTO CÉSAR Bons dias, Ex.^{ma} D. Sabina...

SABINA (*engolfando-se nas saias numa mesura de corte*) Bons dias, excelentíssimos senhores pedaços de asnos... (*Sai fazendo mesuras e soltando gargalhadas.*)

CENA IX

EPIFÂNIO e AUGUSTO CÉSAR.

EPIFÂNIO Que lhe parece ao amigo Augusto César?...

AUGUSTO CÉSAR Que desaforo!...

EPIFÂNIO Bem diz a minha prima Carminho Azevedo que esta senhora D. Sabina não tomou chá em pequena... Sempre é bem mal-criada...

AUGUSTO CÉSAR Que desaforo... que despejo!... Pois hei de queixar-me ao marido.

EPIFÂNIO E eu hei de queixar-me à sogra.

AUGUSTO CÉSAR E é para já...

EPIFÂNIO Espere aí, homem! De que serve isso tudo... Nem a gente se lembrava do que se passa nesta casa.

AUGUSTO CÉSAR É verdade... E ela vai-se hoje embora.

EPIFÂNIO Que a leve o demónio. Mulheres daquelas são a vergonha duma terra...

AUGUSTO CÉSAR E sempre será certo o que se conta a respeito do ministro?...

EPIFÂNIO Certo?... Certíssimo. Aquilo é uma Ana Bolena: não há homens que a fâtem. Ao amigo Augusto César sempre eu direi em confiança que muito antes do ministro, se eu quisesse...

AUGUSTO CÉSAR O quê?

EPIFÂNIO Sim senhor... Até me escreveu uma carta pedindo-me uma entrevista...

AUGUSTO CÉSAR Ai, quem o havia de dizer...

EPIFÂNIO E como não pôde comigo atirou-se ao ministro, que eu sempre lhe respeitei o marido, meu amigo de infância... E o que mais me

custa é esse pobre Júlio, um rapaz tão digno, tão bom. Não, não merecia a sorte que teve.

AUGUSTO CÉSAR Pois um ministro sempre honra, homem!...

EPIFÂNIO Mas podia fazê-lo doutra forma...

AUGUSTO CÉSAR Então como foi?...

EPIFÂNIO Você parece que não tem estado na terra ou então cai das nuvens. Pois quem é que não sabe que na noite do baile o marido os foi encontrar no celeiro dentro dum tanho!

AUGUSTO CÉSAR Homem, isso pode lá ser...

EPIFÂNIO Espere aí que a Josefina já vem e já lhe tira as teias dos olhos. Só se não quiser. Mas não creio; a mim era ela capaz de se confessar. Esta Josefina...

AUGUSTO CÉSAR Boa moça...

EPIFÂNIO Anda perdidinha por mim...

CENA X

Os mesmos e JOSEFINA.

JOSEFINA A senhora diz que façam o favor de entrar.

EPIFÂNIO Ó Josefina linda, diz-nos aqui a mim mais ao Sr. Augusto César, que somos pessoas de segredo, como foi aquilo do ministro, na noite do baile?...

JOSEFINA Aquilo quê?

EPIFÂNIO A D. Sabina, que o marido encontrou aos beijinhos com o ministro...

JOSEFINA A Sr.^a D. Sabina? Que grande pouca vergonha... Pois quem inventou isso?...

EPIFÂNIO Não te faças fina... (*Quer-lhe passar a mão pela cara.*)

JOSEFINA (*dando-lhe uma palmada*) Abaixei a pata, sô toleirão... julga que eu sou alguma prima? (*Sai.*)

EPIFÂNIO Esta já tomou a escola da tal D. Sabina. Pois hei de me queixar à dona da casa: nunca recebi um insulto assim.

AUGUSTO CÉSAR (*paternal*) Não se lembre mais disso, amigo, e vamos lá ver se estamos com D. Maria. (*Saem.*)

CENA XI

SABINA e logo JOSEFINA.

SABINA (*que espreita entre portas o final da cena anterior, entra de capa no braço*) Foram-se... No meu quarto é impossível estar: abafa-se... (*Olha o relógio.*) São duas e um quarto e o trem não pode tardar. Partindo às duas e meio tenho tempo de sobra para ver o castelo de Silves. Quero despedir-me do Algarve do alto da sua mais nobre ruína, da sua única ruína histórica, penso eu. Nesta região só abundam monumentos e ruínas nos corações e nas almas! E no entanto eu levo daqui a impressão de uma terra luminosa, onde tudo sorri... Se eu a povoasse de novo e a meu jeito podia ser feliz vivendo nela... Excluía a gente velha: crisol do egoísmo sem graça; os padres: sujos e impertinentes; e talvez também os poetas líricos da espécie do Júlio: líras de uma só corda... Que dia de sol hoje faz... Que encanto é viver!...

JOSEFINA (*trazendo na mão uma chávena*) Minha senhora, chegou o trem e eu já disse ao António para carregar a bagagem da V. Ex.^a

SABINA Obrigada, rapariga. (*Reparando na chávena.*) Isso é o leite para minha sogra?...

JOSEFINA Sim, minha senhora.

SABINA Dá cá que eu mesma lho levo.

JOSEFINA (*enleada*) Mas a Sr.^a D. Maria deixou recado... para V. Ex.^a... que não recebia ninguém...

SABINA Não importa... (*rindo*) isso foi dito com a boca, não foi do coração. Eu bem sei onde a encontro.

JOSEFINA (*encolhendo os ombros*) Como V. Ex.^a quiser.

SABINA Dá cá e no entanto vai depressa dizer ao António que meta a mala pequena dentro da carruagem e tome conta nos guarda-sóis, não se partam. Olha tu por isso, Josefina, e espera por mim para nos despedirmos.

JOSEFINA (*entregando-lhe a chávena*) Vou correndo... (*à parte*) prevenir o marido. (*Sai.*)

CENA XII

SABINA, *só.*

SABINA (*põe a chávena sobre o tremó, abre rapidamente o corpo vestido e buscando no seio*) Cá estão... Sempre há Providência, presumo eu; doutra forma como se proporcionaria semelhante ocasião? (*Tira dois pequeninos frascos presos numa cadeia de ouro.*) O ácido prússico é este... O costume da minha boa sogra de tomar o leite com água de flor de laranja é precioso: o sabor da amêndoa amarga desaparece... Água de flor de laranja é excelente para flatos... (*Tenta destapar o frasco sem resultado.*) Fica radicalmente curada dos seus flatos... (*Para, soprando nos dedos doídos.*) Mas tão feliz é o monstro que morrerá sem dar por isso e eu não terei a satisfação de lhe dizer, ao ouvido, quem foi que a libertou da prisão de tantos contos de réis... (*Continua diligenciando abrir o frasco.*) Claro está que me não dou ao incómodo — e ao risco — de lhe levar o leite: chamo outra criada que lho dê... (*O frasco não se abre.*) E esta? Querem

ver que o frasco se não pode abrir? Seria capaz de o partir com os dentes e matar-me se tal ocasião me fugisse... (*Para.*) Sangue-frio, Sabina! (*Recomeça com o frasco, que se destapa.*) Decididamente a Providência não me abandonou... (*Deita algumas gotas na chávena e debruça-se para cheirar.*) Não é coisa por além: a água de flor recende mais e até me parece que mais delicadamente... Ó combinação deliciosa dos perfumes!... (*Recuando e remirando-se ao espelho.*) Vamos ver a minha cara de assassina!... Pois não faço diferença nenhuma. (*Com intenção cómica.*) Talvez seja porque isto não é assassinar... É fazer justiça, como dizem os juizes aos condenados à morte. Que linda dissertação eu faria agora sobre o caso... se merecesse a pena.

CENA XIII

A mesma e JÚLIO.

JÚLIO (*que entra sem SABINA dar por isso*) Sabina!...

SABINA (*voltando-se algo enleada*) Meu marido... (*Retomando logo a sua habitual expressão prazenteira.*) Júlio, meu amigo, chegou o momento de nos separarmos... Vou aliviar com a minha ausência a carga que involuntariamente pus nos teus ombros...

JÚLIO Sabina, a tua crueldade não conhece limites!...

SABINA Deixa esse tom trágico, filho, não me estragues o único instante agradável da minha passagem por aqui... o da partida.

JÚLIO Sempre é verdade, partes!

SABINA Tu bem percebes, pobre amigo, que a minha presença era um agravo para toda a gente e muito especialmente para ti... Nós vivemos sempre na convenção de podermos retomar a nossa liberdade, quando nos aprouvesse: retomarei a minha.

JÚLIO Sem saudade alguma?

SABINA De ti... talvez...

JÚLIO (*com extrema vivacidade*) De mim, talvez! (*Amargo.*) Não tentes atenuar com essa mentira inútil o mal que me fazes... Tu partes, Sabina, e não voltas mais... Tu partes sem que de ti alguma coisa aqui fique além da obra má que teceste; tu bem sabes que me deixas a morte no coração...

SABINA Estás conformado! Para que são pois mais recriminações?...

JÚLIO E levas saudades? Que saudade é essa então que te brilha de alegria nos olhos e só te aflora sorrisos aos lábios quando vai começar. Ah! Se tu soubesses o que é sofrer!...

SABINA Já vejo que não há meio de evitar a cena dramática, meu amigo. (*Olha o relógio.*) Tens ainda um quarto de hora. (*Com resignação.*) Desafoga!...

JÚLIO Pois bem, desafogarei... Desafogarei a miséria do meu coração com o prazer de quem confessa em altos brados a sua infâmia... Sabina, tu que és inteligente avalia o tormento destes meus últimos dias levados a imaginar que não poderei viver sem ti... Sabina, quando penso no teu corpo... na tua alma, nunca, porque ma vedaste... Feliz daquele que a tua alma atrair!... Quando penso no teu corpo, nessa carne divina que me escravizou e só para a qual os meus sentidos ainda acordam... Ah! Frouxéis de cetim, empolas de delícias: os teus ambrosianos seios... Ah! Subtil doçura da perpétua canção da tua voz... Essas mãos que eu beijava e que lançaram sobre mim a desgraça aos punhados, eu queria beijá-las ainda com a humildade com que um rafeiro lambe as mãos ao dono... Sabina, eu não posso perder o teu corpo! Dize, dize depressa por que preço mo vendes...

SABINA Seria um triste negócio, agora... e já te não aconselhava a que o fizesses quando mesmo te parecesse vantajoso...

JÚLIO O preço, bem o sei... Ah! Sabina, não te vás ainda, concede-me alguns dias mais... para me decidir... Suplico-te em nome desse amor que me tiveste...

SABINA É tarde, meu amigo! Tudo está disposto para tornar inadiável a minha partida. E depois, quando mesmo tu te resolvesse e a tua resolução fosse sincera, conheço de sobejo o teu carácter para te julgar capaz de cumprires o que prometes... e, o que seria pior ainda, se o cumprisses quem arrostaria com o teu remorso a que a tua índole melodramática dava, decerto, representações pavorosas? E aí ficaria eu o resto dos meus dias a suportar as rebeliões de um louco acusando-me a cada momento de lhe ter cavado a ruína moral... Não, basta de farsa!... Bem desejaria eu deixar-te na lembrança, à mistura com o horror que te inspira a minha alma, a pura recendência do meu corpo... Mas o destino manda que assim não seja e ao teu espírito pueril a minha piedade impõe uma derradeira desilusão...

JÚLIO Dize, dize...

SABINA Eu não te amo, nem espiritual nem fisicamente... E nunca te amei... Essas mesmas carícias que do meu corpo lograste e que na embriaguez dos sentidos te pareciam sinceras, nunca passaram de comédia ou, melhor, de hábil prostituição... Mesmo nunca experimentei ao teu lado as sensações que outros antes de ti me causaram e nem as tuas carícias acordaram nunca na minha carne os deleites que as carícias de tantos outros me proporcionaram antes de ti...

JÚLIO (*atónito*) Antes de mim?!

SABINA Sim, antes de ti... Esfrega esses olhos e ao menos uma vez despe à realidade o seu manto de ilusão, meu pobre poeta! Pois tu não compreendes que a vida em Paris não consentiria nunca a uma mulher da minha formosura, pobre como eu era, pobre, desvalida, esfaimada até, reservar as primícias da sua virgindade ao fácil triunfo de um poeta inexperiente...

JÚLIO Bravo, Sabina... Agora é que eu principio a medir-te a estatura... Segue sem piedade: a ferida sangra, não a estanques...

SABINA (*encolhendo os ombros*) A minha crueldade não é meramente gratuita, mas um cautério que te deve sarar... (*Pausa.*) E foi horrível essa

escola porque eu era leal, ingénua, boa... Deixei-me ludibriar em nome de todos os grandes sentimentos, por quem sabia infinitamente mais do que eu... Foi uma escola de corrupção e entre os meus mestres outros poetas houve, mas poetas de Paris, floridos, perfumados como jasmims e ferozes como panteras de emboscada a todo o género de gozo...

JÚLIO E escolheste-me para vítima expiatória...

SABINA Cheguei às tuas mãos tal como sou agora: contigo nada adiantei... Quando te caí nos braços, já embotada, embora te desejasse, como repouso ao fim de extensa caminhada, e quase te estremeceste grata ao fausto das tuas promessas, ainda era a mulher leal que hoje sou: a ideia de te enganar retraía-me os sentidos: não me davas prazer algum. Mas apelei para o tempo. Logo fácil me foi conhecer-te e... aborrecer-te.

JÚLIO Não... nunca houve um caso tão extraordinário como este meu...

SABINA E o meu? Julgas tu...

JÚLIO Não sei o que me pareces agora desmascarada... Sabina, eu busco sem achar uma imagem trágica...

SABINA (*irónica*) Medusa...

JÚLIO Ah! Nunca... Medusa, não. Como te enganas! Nem eu mesmo sei o que me vai no espírito... Pensas tu que te não desejo ainda, pensas tu que mesmo agora... Agora que verdadeiramente me abeiros da tua alma, mais me atraem os seus abismos... Sabina, eu quero acompanhar-te por todas as espirais da ignomínia, da vergonha e do crime...

SABINA Sossega... Já não repetirei a experiência...

JÚLIO Sabina, um pouco de compaixão... Dá-me três dias mais, dois dias... Dá-me até ao sol-posto e eu te provarei que tudo isto é verdade... Eu estou enfeitiçado... Ah! Mas a delícia de morrer assim! Meu Deus!... Escalda-me a cabeça: tenho a impressão de que os nervos me rebentam no corpo dilacerando-me a carne como fios de arame... O juízo abandona-me...

SABINA Isso é fraqueza... inanição... Parece que não comes há três dias...

JÚLIO Deve ser... Talvez... Quem me dera um momento só de lucidez para romper as trevas que me envolvem... Meu Deus, que atrocíssima sede... (*Aproxima-se do tremó e pega na chávena.*)

SABINA (*correndo para ele*) É o leite para tua mãe...

JÚLIO Tenho a boca em alas... vou tomá-lo... (*Leva a chávena aos lábios.*)

SABINA (*forçando-o a pôr a chávena sobre o tremó*) Não, não tomas...

JÚLIO Porquê? (*Correndo a mão pela testa como quem acorda.*) Ah! Percebo, é o leite para a minha mãe... (*Pausa.*) Mas ainda aqui há outro mistério que não desvendo. Se tu me não amaste nunca, se tu me não amas, se apesar de tudo me queres largar, porque desejas a morte a essa criatura desgraçada?...

SABINA Seria inútil tentar explicar-te... nem a tua alma de poeta sentimental compreenderia nunca o encanto do crime feito somente... somente por amor ao crime...

JÚLIO (*tranquilo*) Somente por amor ao crime... Senhor, mas há então no mundo feras assim e eu estou preso a uma delas e sinto eu que preferiria todos os tormentos ao desespero de a perder... Oh! A morte!...

CENA XIV

Os mesmos e D. MARIA.

D. MARIA (*entrando subitamente e parando surpreendida*) Aqui juntos, os dois?!... E não viram a Josefina?... Ninguém é servido tão mal como eu nesta casa... Ainda não houve quem se lembrasse de me trazer o meu leite e são quase três horas: estou morta de debilidade...

SABINA (*para D. MARIA*) Pois não vê que o seu filho está aflito...

D. MARIA Porquê?...

SABINA Morre...

JÚLIO Sabina, anda cá, deixa-me apertar-te a mão... Eu morro...

SABINA (*que toma entre as suas as mãos de JÚLIO*) Meu Deus, meu Deus...

D. MARIA Mas o que significa tudo isto?... (*Abrindo a porta e brandando.*) Doutor Fino, acuda, o meu filho está muito mal...

SABINA O seu leite.... mas está aqui. (*Pega na chávena e adianta-se para lha oferecer.*)

JÚLIO Não, Sabina, eu mesmo o dou a minha mãe.

SABINA Toma... (*Dá-lhe a chávena e segue-lhe os movimentos com o olhar fascinante.*)

JÚLIO (*que se adianta com a chávena, para a meio da sala e bebe-a dum trago*) Que divina bebida...

SABINA (*gritando*) Júlio, Júlio...

D. MARIA Isto é brincadeira de Entrudo?...

JÚLIO (*deixa cair a chávena, cambaleia levando as mãos à cabeça e joga-se sobre uma cadeira*) O Carnaval acabou, minha mãe... Sabina...

CENA XV

*Os mesmos, DOUTOR FINO, PADRE CORREIA,
EPIFÂNIO e AUGUSTO CÉSAR.*

DOUTOR FINO (*acercando-se de JÚLIO*) Então o que é isso, o que sente?

JÚLIO Eu morro... tomei ácido prússico... estava cansado de viver... Sabina... perdoa... Olha que eu amei-te... amo-te... (*Morre com os olhos postos em SABINA.*)

DOUTOR FINO (*apalpando-lhe a testa*) Mas isto é sério... Mas isto é gravíssimo... Vão já buscar sinapismos... (*Toma-lhe uma das mãos, que pende inerte.*) A mão está de neve... (*Ausculta-o.*) O coração parou... Mas está morto... Como foi isto, Senhor!...

PADRE CORREIA Suicidou-se... Que Deus lhe perdoe!

DOUTOR FINO Ele o disse... mas quem o suspeitaria!... D. Sabina, como foi isto?

SABINA (*que ficou ajoelhada ao pé do morto, levanta-se, enxugando os olhos, e procura a capa que põe nos ombros*) Como foi?... O doutor quer que lhe explique como se morre? A mãe que lho diga... Eu já nada tenho que fazer aqui...

D. MARIA (*ajoelhando aos pés do filho e erguendo as mãos postas*) Meu Deus, seja feita a tua santa vontade. Entendeste na tua alta justiça ser preferível levá-lo deste mundo a vê-lo um dia partilhar tanta riqueza com aquele demónio... (*Aponta para SABINA.*)

SABINA (*já entre portas, para D. MARIA*) Adeus, anjo!...

EPIFÂNIO Mas que espécie de mulher é esta?

AUGUSTO CÉSAR (*gaguejando*) Esta mulher... esta mulher deve ser uma cantante...

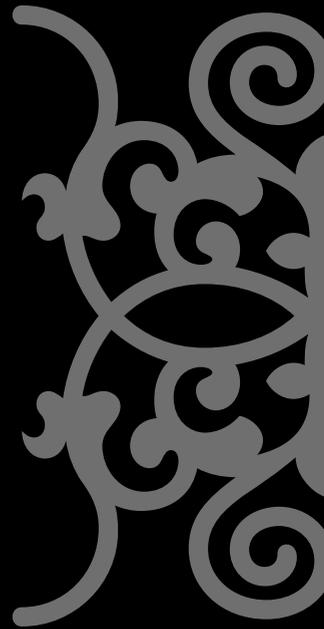
Desce o pano.

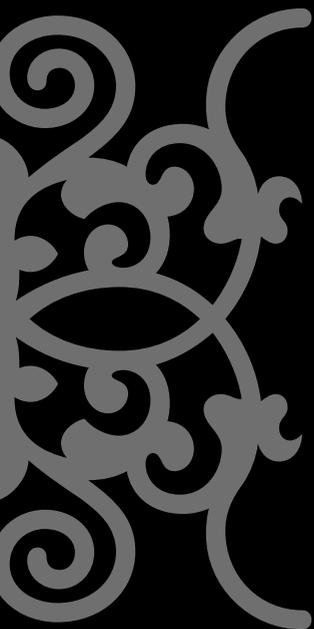
NOTA

O autor escreve para se entreter e por certo que as horas levadas a arranjar esta peça contarão entre as melhores da sua vida, mas, como não haja perfeita felicidade neste mundo, enquanto escrevia atormentava-o o receio de que alguém pusesse, talvez, um dia, a sua obra em música...

Relendo-a agora — ou, mais propriamente, declamando-a diante de um imaginário auditório, consoante o seu costume quando intenta penetrar o sentido das peças teatrais — desvaneceu-se-lhe por completo esse vão temor...

Mas o curioso é afigurar-se-lhe, mesmo após esta derradeira leitura e no momento de entregar o manuscrito à tipografia, que deve insistir na classificação de «comédia» a uma peça na qual há veneno e morte em cena. A quem porventura em tal repare, o autor responde de antemão que riu de gosto ainda nas passagens mais trágicas e que para ele comédia será eternamente...





ÍNDICE

PREFÁCIO	5
----------------	---

I, <i>por</i> JOSÉ ALBERTO QUARESMA	5
---	---

II, <i>por</i> NUNO JÚDICE	9
----------------------------------	---

INVENTÁRIO DE JUNHO

INTROITO	19
----------------	----

AGRIPINA	25
----------------	----

MÚSICA A PORCOS	33
-----------------------	----

O MEU GRANDE AMIGO TOMÁS	51
--------------------------------	----

VÁRIA	61
-------------	----

PERFUME DO PASSADO	63
--------------------------	----

FALA O MESTRE...	65
------------------------	----

PAISAGEM SENTIMENTAL	67
----------------------------	----

CRÍTICA BOÉMIA	69
----------------------	----

LÍNGUAS PEÇONHENTAS	71
---------------------------	----

SORTILÉGIO ADORÁVEL	75
---------------------------	----

ORGULHO DOS SENTIDOS	79
----------------------------	----

MURMURAÇÃO INOCENTE	81
---------------------------	----

VÊNUS MOMENTÂNEA	85
------------------------	----

DE LONGE...	89
-------------------	----

IMPERFEIÇÕES LAMENTÁVEIS	93
--------------------------------	----

D. PLÁCIDO	97
------------------	----

JOÃO DE DEUS	123
--------------------	-----

DESENHOS E ANEDOTAS DE JOÃO DE DEUS	131
---	-----

MONUMENTOS	143
------------------	-----

VENTO LEVANTE	149
---------------------	-----

NOTA	155
------------	-----

CARTAS SEM MORAL NENHUMA

I	163
II	165
III	169
IV	175
V	181
VI	185
VII	193
VIII	201
IX	209
X	213
XI	221
XII	225
XIII	231
XIV	239
XV	247
XVI	257
XVII	273

AGOSTO AZUL

[CARTA DE MARÇO DE 1901]	285
[CARTA DE ABRIL DE 1901]	291
[CARTA DE JULHO DE 1901]	293
[CARTA DE OUTUBRO DE 1901]	299
COLÓNIA	303
AGOSTO AZUL	331

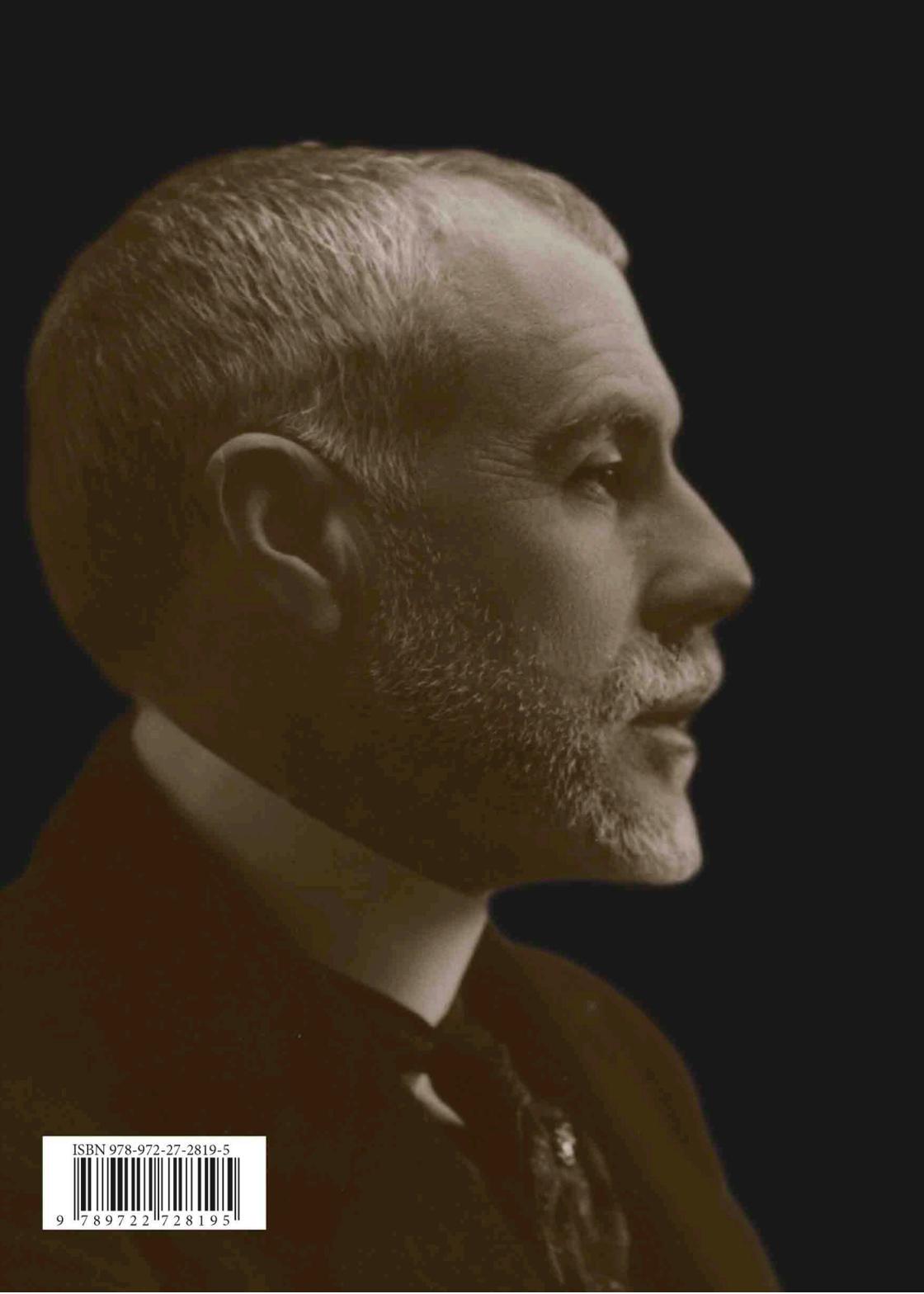
SABINA FREIRE

PERSONAGENS	343
PRIMEIRO ATO	345
SEGUNDO ATO	377
TERCEIRO ATO	407
NOTA	431

OBRAS DE MANUEL TEIXEIRA-GOMES

- Inventário de Junho*, 1.^a ed., Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1899; 2.^a ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1918; 3.^a ed., ilustrada, Lisboa, Seara Nova, 1933; 4.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1958; 5.^a ed., com prefácio de Urbano Tavares Rodrigues, Lisboa, Bertrand Editora, 1984.
- Cartas sem Moral Nenhuma*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1903; 2.^a ed., Lisboa, Clássica Editora, 1912; 3.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1934; 4.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 5.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1986.
- Agosto Azul*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1904; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1930; 3.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1958; 4.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1984.
- Sabina Freire*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1905; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1936; 3.^a ed. (com estudo crítico de Carlos Malheiro Dias), Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 4.^a ed., Lisboa Bertrand Editora, 1987.
- Desenhos e Anecdotas de João de Deus — Reprodução de Um Artigo da Revista Arte & Vida para Ser Vendida em Proveito da Associação das Escolas Moveis pelo Methodo João de Deus*, Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1907.
- Gente Singular*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1909; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1931; 3.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 4.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1988.
- Cartas a Columbano*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1932; 2.^a ed. [com três retratos do autor por Columbano], Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1957).
- Regressos*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 3.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960; 4.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1991.
- Novelas Eróticas*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1961).
- Miscelânea*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1937; 2.^a ed., vol. I, Lisboa, Portugália Editora, Lisboa, [s. d.] (1959); 3.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1988.
- Maria Adelaide*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1938; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1959); 3.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1986; 4.^a ed., Lisboa, Círculo de Leitores, 1986.

- Carnaval Literário*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1939; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Ana Rosa*, Lisboa, Seara Nova, 1941. [«Proémio» de Castelo Branco Chaves, escrito a 22 de outubro de 1941].
- Londres Maravilhosa*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1942; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1960).
- Correspondência I: Cartas para Políticos e Diplomatas*, 1.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Correspondência II: Cartas para Políticos e Diplomatas*, 1.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Sabina Freire, comédie en trois actes*, Carlos Malheiro Dias (préface), Armand Guibert (traduction), Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Presses Universitaires de France, 1971.
- Obras Completas I (Inventário de Junho — Cartas sem Moral Nenhuma — Agosto Azul)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Câmara Municipal de Portimão, 2009.
- Obras Completas II (Gente Singular — Novelas Eróticas — Maria Adelaide)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Câmara Municipal de Portimão, 2009.



ISBN 978-972-27-2819-5



9 789722 728195